

## O Museu do Lixo é um Museu?

Lúcia Seara Berka Valente





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA**

Lúcia Seara Berka Valente

O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Silveira Cardoso

SANTA CATARINA  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da  
Biblioteca Universitária da UFSC.

Valente, Lúcia Seara Berka

O Museu do Lixo é um Museu? / Lúcia Seara Berka Valente  
; orientadora, Luciana Silveira Cardoso - Florianópolis,  
SC, 2015.

113 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Museologia.

Inclui referências

1. Museologia. 2. Museu, Museu do Lixo, Museologia,  
Objetos. I. Cardoso, Luciana Silveira. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III.  
Título.

Lúcia Seara Berka Valente

## **O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do Grau de Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final pela Coordenadoria do Curso de Graduação de Museologia.

Florianópolis, 6 de julho de 2015

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Silveira Cardoso  
Coordenadora do Curso

### **Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Silveira Cardoso  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Valdemar de Assis Lima  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Maurício Rafael  
Sistema Estadual de Museus



Para Augusto, Nicolas, Bento,  
Victor e Jorge, futuros frequen-  
tadores de museus.





## AGRADECIMENTOS

À Flávia, minha mãe, que talvez nem imagine o quanto aprendi com ela.

Ao Cesar, pela paciência infinita, sabedoria, inteligência, companheirismo e amor.

Aos meus amados ídolos Pedro, André e Marta, agradeço por ter tido o privilégio de ser sua mãe.

Aos e às colegas do Curso de Museologia e àqueles e aquelas que se tornaram mais do que isso: amigos, amigas, companheiros, companheiras e confidentes (e eles e elas sabem quem são), um grande beijo.

Aos mestres e aos professores.



“Espera mil anos e verás que será precioso até o lixo deixado atrás por uma civilização extinta”.

(Isaac Asimov)



## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é buscar a resposta para a pergunta: o Museu do Lixo é um museu? Partindo de vários conceitos de museu e da análise de um espaço real chamado Museu do Lixo, situado em Florianópolis, na ilha de Santa Catarina, discute-se em que medida ele pode ser considerado um museu. A pesquisa bibliográfica fornece o suporte teórico e os pressupostos básicos necessários à existência de uma instituição museal e em seguida é feita a discussão e a problematização desses pressupostos nas atividades, acervo e características existentes no Museu do Lixo. A observação e o entendimento das novas formas de museu permitem ampliar a área museológica e avançar além dos modelos de museus tradicionais.

**Palavras-chave:** Museu. Museologia. Museu do Lixo. Objetos.



## ABSTRACT

The main objective of this work is to seek an answer to the question: is the Trash Museum a museum? Starting from several definitions of a museum and the analysis of a real space called the Trash Museum, based in Florianópolis, in the Santa Catarina island, we discuss in what measure can it be considered a museum. The bibliographic research establishes the theoretical support and the base assumptions required for the existence of a museum institution. Afterwords, the discussion and problematization is done, based on the existing activities, collection and characteristics of the Trash Museum. The observation and understanding of new types of museums allows us to widen the scope of museum studies and advance beyond the traditional museum models.

**Keywords:** Museum. Museum Studies. Trash Museum. Objects.





## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	
A seta indica a localização do Museu, no bairro Itacorubi.....	37
<b>Figura 2</b>	
Guia de Museus de Santa Catarina.....	40
<b>Figura 3</b>	
Página do Cadastro Nacional de Museus na internet.....	41
<b>Figura 4</b>	
Parte do acervo de discos de vinil .....	43
<b>Figura 5</b>	
Filmadora Super 8 descartada em estado de nova .....	44
<b>Figura 6</b>	
Instalação que guarda o primeiro objeto do acervo.....	46
<b>Figura 7</b>	
Uma das ações educativas promovidas com alunos visitantes.....	49
<b>Figura 8</b>	
Uma parede da “biblioteca” de livros descartados .....	51
<b>Figura 9</b>	
Baú entalhado em madeira .....	53



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Visitantes do Museu do Lixo .....	39
<b>Tabela 2</b> – Enquadramento do Museu do Lixo nas estatísticas .....	70



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACMR	Associação de Coletores de Materiais Recicláveis
ARESP	Associação Recicladores Esperança
CD	Compact Disc (disco óptico para gravação de dados)
CEASM	Centro de Ações Solidárias da Maré
COMCAP	Companhia de Melhoramentos da Capital
CTRES	Centro de Transferência de Resíduos Sólidos
DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
DVCOA	Divisão de Conscientização Ambiental
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LP	Long Play (disco de vinil)
MINC	Ministério da Cultura
MUF	Museu de Favela
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PNM	Política Nacional de Museus
UNIASSELVI	Centro Universitário Leonardo Da Vinci
VHS	Video Home System (fita de vídeo em cassete)



## SUMÁRIO

<b>1 O QUE É MUSEU?</b> .....	<b>25</b>
1.1 AS MUSAS, O TEMPLO E O SAGRADO .....	25
1.2 OS OBJETOS E AS COLEÇÕES .....	27
1.3 A VISÃO DAS INSTITUIÇÕES.....	28
1.4 OS PENSADORES E TEÓRICOS DOS MUSEUS .....	32
<b>2 O MUSEU DO LIXO</b> .....	<b>35</b>
2.1 O LIXO .....	35
2.2 A COMCAP.....	35
2.3 O ESPAÇO .....	36
2.4 DESCRIÇÃO DO MUSEU.....	38
2.5 DADOS SOBRE O MUSEU DO LIXO .....	39
2.6 AS PESSOAS E O MUSEU.....	42
<b>3 O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?</b> .....	<b>55</b>
3.1 AS MUSAS, O TEMPLO E O SAGRADO MUSEU DO LIXO. ....	55
3.2 OS OBJETOS E AS COLEÇÕES DO MUSEU DO LIXO .....	56
3.3 A VISÃO DAS INSTITUIÇÕES E O MUSEU DO LIXO.....	58
3.4 O MUSEU DO LIXO É UMA INSTITUIÇÃO? .....	60
3.5 O MUSEU DO LIXO CONSERVA? .....	60
3.6 O MUSEU DO LIXO INVESTIGA? .....	62
3.7 O MUSEU DO LIXO COMUNICA? .....	63
3.8 O MUSEU DO LIXO INTERPRETA? .....	64
3.9 O MUSEU DO LIXO EXPÕE? .....	65
3.10 OS PENSADORES E TEÓRICOS E O MUSEU DO LIXO... ..	67
3.11 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O MUSEU DO LIXO .....	68
3.12 OS MUSEUS BRASILEIROS E O MUSEU DO LIXO .....	69
3.13 AFINAL, O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?.....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>79</b>
<b>ANEXO B</b> .....	<b>85</b>
<b>ANEXO C</b> .....	<b>(mídia externa, em CD)</b>





## INTRODUÇÃO

O tema que escolhi para este trabalho é uma pergunta mais ou menos óbvia, que tentarei responder: O Museu do Lixo é um museu?

Desde a primeira vez que entrei no Museu do Lixo fiquei fascinada por ele. E por isso decidi estudá-lo um pouco melhor. Porque no Curso de Museologia passamos quatro anos falando de museus de todo tipo: museus de arte, museus históricos, museus de ciências. E o Museu do Lixo não se encaixa em nenhum desses modelos conhecidos. Ele é diferente de tudo e ao mesmo tempo tudo o que tem nele nos é muito familiar.

Ele é bom para pensar sobre muitas coisas. Por que guardamos os objetos? Que objetos escolhemos para guardar? Por que jogamos fora os objetos? Que objetos escolhemos para jogar fora? E, por que alguém se deu ao trabalho de salvar alguns objetos da destruição e abrigá-los num espaço tão simples e tão especial?

Ele também estimula quem deseja pesquisar a curta vida dos objetos do nosso dia a dia.

Ele ainda é útil para entender, na prática, aquele conceito museal: o momento em que os objetos mais banais ganham um novo significado, pelo simples fato de entrarem naquele espaço.

O Museu do Lixo está sempre mudando, ganhando “novas coisas velhas” e se mantendo vivo. Ele permite que se faça uma boa reflexão sobre nossas vidas, nossa cidade, nosso mundo. E o que estamos fazendo com eles.

Mas ele também pode ser muito bom para lembrar dos museus que estão por aí, se multiplicando ou sendo fechados, tendo milhares de visitantes ou quase abandonados, surpreendendo ou decepcionando.

Ele pode ser bom ainda para tentar encontrar a razão pela qual as mesmas pessoas que jogam tanta coisa no lixo chegam nesse museu e ficam maravilhadas porque alguém guardou essas mesmas coisas.

Agora vou revelar o caminho que trilhei em busca de uma resposta para a minha pergunta.

Se eu quero saber se é um museu, preciso primeiro definir o que é um museu. E assim foi estruturado o primeiro capítulo. Procurando uma abordagem conceitual com base na origem dos museus, nas definições propostas pelas instituições, nas suas coleções de objetos e nas reflexões teóricas sobre eles.

Esse foi um capítulo construído principalmente revisando muita coisa que foi estudada, lida e ouvida durante todo o curso, lembrando de ideias surpreendentes e de autores inesquecíveis que deixaram sua marca.

Em seguida, percebi que seria pertinente apresentar e estudar o Mu-

seu do Lixo. Por isso, no segundo capítulo, apresento o problema do lixo de modo mais amplo, o surgimento da COMCAP em Florianópolis, onde o Museu do Lixo foi criado, como o museu é por dentro e as pessoas que lá trabalham.

Como era importante ouvir as pessoas e entender sua percepção, colhi três pontos de vista diferentes e úteis para melhor conhecer o museu. O primeiro foi do presidente da COMCAP, Marius Bagnatti, que representa a instituição à qual o Museu do Lixo está vinculado. O seguinte foi Valdínei Marques, funcionário da COMCAP que coordena o museu e que deu início à coleção de objetos com um crucifixo num galpão completamente vazio. Por último, conversei com a professora de ciências de 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries (Ensino Fundamental), Elaine Cristina Pamplona Seiffert, visitante assídua desde 2006 e responsável por levar seus alunos todos os anos ao museu, uma verdadeira admiradora e entusiasta.

Para os três entrevistados foi feita a pergunta “o Museu do Lixo é um museu?” e suas respostas e mais algumas histórias estão no segundo capítulo, seguidas por alguns comentários.

No terceiro capítulo relaciono, ponto por ponto, os conceitos do primeiro capítulo com a realidade encontrada no Museu do Lixo, para ir revelando a resposta. As ações desenvolvidas dentro dos museus como conservação, investigação, comunicação, interpretação e exposição foram analisadas e ponderei de que maneira e em que medida elas acontecem no Museu do Lixo.

Contribuindo para a análise, acrescentei a relevância das atividades de educação ambiental realizadas em torno do Museu do Lixo, que compõem uma discussão atual e oportuna e, por fim, a comparação entre a realidade de uma grande parcela de museus brasileiros e o Museu do Lixo, utilizando como ferramenta a publicação *Museus em Números*.

O trabalho encerra, naturalmente, com a resposta que encontrei para a pergunta que o motivou: afinal, o Museu do Lixo é um museu?

## 1 O QUE É MUSEU?

Parece fundamental, a princípio, perguntar o que é museu e procurar, tanto na origem dos museus quanto no que diversos autores e fontes respondem, para aproximar esses conceitos do objeto de nosso estudo, o Museu do Lixo. Quais são os pontos em comum que existem entre o que se afirma ser um museu e o que encontramos nesse museu tão *sui generis*<sup>1</sup>, e onde ele se afasta do conceito tradicional de museu ou do conceito de museu tradicional.

Este capítulo apresenta, pois, vários conceitos de museu, partindo do que se afirma ser a sua origem (o templo das musas) e uma breve discussão acerca da possibilidade de se falar em espaço fisicamente constituído ou apenas em um lugar de memória, que permite a “cristalização da lembrança” (NORA, 1993).

Em seguida se discute o museu sob um diferente ponto de vista, a partir das suas coleções e de seus colecionadores, aqui colocando-se em evidência tanto os objetos dos quais são constituídos, quanto os homens que coletaram e organizaram de alguma maneira esses objetos.

Entretanto, não se pode deixar de considerar as ideias institucionalmente elaboradas pelas organizações oficiais que, ao longo do tempo, têm sido as responsáveis pela regulamentação dos museus e que refletem essa preocupação formulando conceitos abrangentes, ao mesmo tempo em que tentam manter-se atualizadas com o estado da arte do pensamento museal.

E, ao final, se mostra as novas ideias que os teóricos, acadêmicos e escritores afirmam, elaboram e debatem.

Esse panorama conceitual, embora breve, expõe objetivamente as correntes e possibilidades que poderão servir de base para a discussão aberta nesse trabalho sobre o Museu do Lixo.

### 1.1 AS MUSAS, O TEMPLO E O SAGRADO

A palavra grega *Mouseion* está ligada ao local “físico” em Delfos, na Grécia clássica, onde as musas falavam pela voz das pitonisas. A crença nessa origem iniciou e manteve, no tempo, o museu como um espaço sacralizado de guarda da memória, um local onde as musas vivem e falam. Seria preciso existir um local específico, um templo, onde se guardaria o que é sagrado (musas)? Este conceito de museu implica na aceitação de

---

<sup>1</sup> *sui generis* refere-se a característica de originalidade, singularidade e peculiaridade na qual incluiu o Museu do Lixo

uma filosofia da Razão, onde o mundo é percebido sob relações de simetria, de igualdade entre os elementos e, de equilíbrio (SCHEINER, 2008).

A ideia de templo e de sagrado, portanto, muito se afasta do que hoje conhecemos como museu. Em 1977, Giraudy apresentava como grande novidade do século XX, diferentes concepções de museus utilizando os mais variados espaços.

Mostrando suas obras-primas em conventos abandonados enquanto assiste à missa no Palácio dos Esportes, a sociedade contemporânea abandona, nesses últimos vinte anos, as referências sacralizantes do museu-templo, preferindo-lhe o museu-fórum, as confrontações de nossas diferenças mútuas, e inventando, mediante arquitetos interpostos, seus novos espaços culturais. (GIRAUDY, 1990)

E os exemplos citados por Giraudy são vários: máquinas para conservar obras de arte, museu-caracol, transparentes e articulados, flexíveis e transformáveis em poucas horas, museus-jardins, ecomuseus, parques naturais e parques nacionais.

Hoje, 45 anos depois desses exemplos, os museus se transformaram ainda mais, tanto na forma quanto no conteúdo. Se não existem limites para o que pode ser um museu, então o que impede que a edificação seja um galpão e que as coleções sejam formadas por objetos recolhidos no lixo?

Mas, voltemos às musas e ao modo como elas se expressavam. Por meio da tradição oral, através dos poetas e dos cantos, as musas ganham voz e são a memória, a imagem e a voz da Criação.

Nessa perspectiva, o nome das Musas é o seu próprio ser: elas existem quando nomeadas e precisam ser nomeadas para que possam, com seu canto, recriar o mundo. E, portanto, o homem só canta (só cria e produz) quando habitado pelas Musas. (SCHEINER, 2008).

Assim, se o museu não é o espaço físico das musas, pode existir em todos os lugares e em todos os tempos. Existirá onde o homem estiver.

Acreditamos, portanto, ser o museu um fenômeno – espaço espontâneo de criação e de representação da experiência do humano. Como fenômeno, o museu é livre e plural, podendo manifestar-se sob diferentes faces, no tempo e no espaço – de acordo com os valores e sistemas de pensamento das diferentes sociedades. (SCHEINER, 1997 apud SCHEINER, 2008).

Mais uma vez nos deparamos com uma concepção que rompe os limites anteriores sobre o que se pode, ou deve, chamar de museu. Ao falar em liberdade e pluralidade Scheiner abre novos caminhos e possibilidades.

Importante lembrar que os museus tiveram seu início a partir das coleções. O ato de colecionar é característico do ser humano, manifestando-se desde a infância, pela necessidade de classificar e ordenar o mundo exterior, o que deu origem a muitos museus no mundo.

## 1.2 OS OBJETOS E AS COLEÇÕES

Os museus também podem ser conceituados a partir do que contém, do seu acervo.

Para Pomian, coleções são

todo conjunto de objetos naturais ou artificiais mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetidos a uma proteção especial em um local fechado preparado para essa finalidade, e expostos ao olhar. (POMIAN, 1997 apud GONÇALVES, 2007).

Assim, os objetos que se encontram recolhidos dentro de um determinado espaço formando um conjunto podem ser denominados como coleções, mas somente isso tornaria esse espaço um museu?

Os objetos materiais que circulam permanentemente na vida social, deslocam-se e são transformados e reclassificados, sob diversos contextos sociais e simbólicos. Esses diferentes contextos podem se dar como trocas mercantis, cerimoniais, espaços institucionais e discursivos, como as coleções, os museus e os patrimônios culturais. Ao acompanhar esses deslocamentos dos objetos entre esses diversos contextos e fronteiras pode-se entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, paradoxos e ambiguidades e seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (GONÇALVES, 2007).

Diferentemente daquela concepção antropológica que utilizava o estudo dos objetos de diversas culturas para conhecer o seu grau de evolução ou como fonte para conhecer o outro, as coleções podem dizer muito mais sobre nós mesmos (GONÇALVES, 2007).

Pode-se então inferir que, do ponto de vista da pesquisa, um museu e suas coleções se constituem em excelente material de informação sobre nossa sociedade, hábitos de consumo, tecnologias, interações, vida privada e doméstica. Não seria esse o caso das coleções abrigadas no Museu do Lixo?

Dependendo de quem cria essas coleções e da maneira como elas estão expostas ao olhar dos públicos várias leituras são possíveis. Basta que se faça, por exemplo, o exercício que Walter Benjamin (GONÇALVES, 2007) faz em 1936 sobre o “narrador”.

A narrativa como um dos modos de comunicação entre os seres humanos só aparece num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é aquele que traz o passado para o presente na forma de memória, aquele que traz para perto alguma experiência que se localiza num espaço longínquo. A narrativa remete a uma distância que tanto pode ser no tempo como no espaço. A experiência pessoal do narrador é que vai mediar essa distância. Para Benjamin (GONÇALVES, 2007), os grandes modelos de narradores eram o velho artesão e o marinheiro que relatavam as tradições da aldeia e as experiências de viagens. No Museu do Lixo, o *gari*<sup>2</sup> que recolhe os objetos, classifica e os arranja, também constrói uma narrativa.

Um museu cuja exposição não traz etiquetas, legendas ou explicações, deixa os públicos livres para interpretarem como quiserem o que está exposto. Nesse espaço, por exemplo, o narrador simplesmente recolhe e dispõe os objetos ao olhar dos visitantes que poderão (ou não) fazer as conexões com suas próprias memórias, suas vivências, experiências pessoais e lembranças, estabelecendo vários diálogos com o que vêem..

Desse ponto de vista pode-se, inclusive, questionar se a expografia apresentada pelo Museu do Lixo é propositalmente aberta, para que os públicos a interpretem livremente.

Historicamente, as coleções particulares, que eram abertas apenas a um público seletivo, passaram a ampliar a ideia de público tornando-se, muitas delas, museus institucionalizados. Ao se tornarem instituições elas precisam se submeter a diversas regras, como as estabelecidas por conselhos internacionais e institutos nacionais. Essa é a visão que será apresentada a seguir.

### 1.3 A VISÃO DAS INSTITUIÇÕES

As instituições nacionais e internacionais que regulamentam os museus afirmam trabalhar “pela sociedade e seu desenvolvimento” assim como estão empenhadas na “conservação e proteção dos bens culturais”. O Conselho Internacional de Museus (ICOM), estabelece padrões de excelência para os museus em termos de design, gestão e organização de coleções. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é uma autarquia vinculada ao Mi-

---

2 A palavra *gari* vem do nome de Pedro Aleixo Gari que, durante o Império, assinou com a Corte brasileira o primeiro contrato de limpeza urbana no Brasil.

nistério da Cultura (MinC), criada em janeiro de 2009, pela Lei nº 11.906 e sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais.

O IBRAM é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros. Também administra 29 museus.

O que essas instituições afirmam e defendem refletem as ações e práticas a serem aplicadas aos museus. Portanto, é fundamental saber o que elas entendem por museu.

O Conselho Internacional de Museus dá em seu site na internet<sup>3</sup> a seguinte definição de Museu:

Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu entorno, para educação, estudo e deleite da sociedade. (ICOM, 2015)

Esta definição, adotada na 21ª Conferência Internacional em Viena, em 2007, reflete uma visão que tem evoluído. Desde 1946, quando do surgimento do ICOM, a instituição atualiza essa definição alinhando-a às realidades da comunidade museal mundial.

No Brasil, em 2010<sup>4</sup>, pouco tempo após sua criação o IBRAM usava esta definição, adequada à visão poética de seus dirigentes à época

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (PORTAL BRASIL, 2015)

---

3 Definição no site da internet do ICOM: “According to the ICOM Statutes, adopted during the 21st General Conference in Vienna, Austria, in 2007: A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.” Tradução livre da autora.

4 Definição de museu publicada no Portal Brasil em nota sobre o IBRAM.

Hoje, porém, revisando esse conceito o IBRAM alinha-se ao Estatuto dos Museus utilizando a mesma definição apresentada mais adiante.

Uma outra instituição brasileira relacionada ao patrimônio e, portanto, aos museus é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O IPHAN é uma autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação do acervo patrimonial, tangível e intangível, do país. Sua definição propõe uma abordagem mais formal e abrangente, com preocupação legal, sem, no entanto, deixar clara a necessidade de que o museu cumpra todas as funções, concomitantemente.

Em 2006, o conceito de museu formulado pelo então Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN), estabelecia:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011)



Porém, a lei maior que se encontra acima de todas as outras é a Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009), que instituiu o Estatuto dos Museus e que, em seu primeiro artigo diz:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011)

O papel do museu no mundo contemporâneo é um tema muito dinâmico, pois as mudanças que ocorrem no mundo afetam e causam mudanças no próprio museu. As leis e regulamentos criados pelas instituições responsáveis pelos museus tentam enquadrá-los em conceitos rígidos, criam exigências e ferramentas de controle mas são estáticas e não conseguem acompanhar a metamorfose contínua do universo de lugares de memória que assume sempre novas e diferentes formas. Tanto que os conceitos de museu criados por essas instituições estão sempre tentando acompanhar as funções sociais criadas pelos novos museus.

Os novos espaços, à medida em que são criados, estabelecem novas funções com suas comunidades, surpreendendo tanto quem os criou quanto quem os visita. O Museu do Lixo é um bom exemplo dessa dinâmica. E a questão que se coloca aqui é: esse museu em particular precisa se institucionalizar para se tornar um verdadeiro museu?

Para ajudar na procura de respostas, é fundamental conhecer o ponto de vista de alguns teóricos e pensadores, sobre as características definidoras dos museus.

## 1.4 OS PENSADORES E TEÓRICOS DOS MUSEUS

Importantes nomes relacionados aos estudos museológicos procuraram apresentar seus conceitos e ideias de modo a manter com a sociedade uma relação de conhecimento sensível e a tentar agir e pensar em termos de uma poética do espaço. Assim, por exemplo, Tereza Scheiner afirma que

Museu é pois um nome genérico que se dá a um conjunto de manifestações simbólicas da sociedade humana, em diferentes tempos e espaços. As diferentes formas de museu nada mais são do que representações (ou expressões) desse fenômeno, em diferentes tempos e espaços, de acordo com as características, os valores e visões de mundo de diferentes grupos sociais. [...]A relação entre Homem, cultura e meio ambiente, em cada época, em cada lugar, é o que efetivamente constitui o fundamento da ideia de museu (SCHEINER, 2008)

Segundo Cristina Bruno, para discutir musealização, ou seja, o processo que envolve uma série de ações sobre os objetos, como aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, é necessário também discutir e rever termos como museal e museológico. Bruno define assim os museus:

De instituições elitistas, colonizadoras, sectárias e excludentes, os museus têm procurado os caminhos da diversidade cultural, da repatriação das referências culturais, da gestão partilhada e do respeito à diferença de forma objetiva e construtiva. De instituições paternalistas e autoritárias, os museus têm percorrido os árduos caminhos do diálogo cultural e da convivência com o outro. De instituições isoladas e esquecidas, os museus têm valorizado a atuação em redes e sistemas, procurando mostrar a sua importância para o desenvolvimento socioeconômico. De instituições devotadas exclusivamente à preservação e comunicação de objetos e coleções, os museus têm assumido a responsabilidade por ideias e problemas sociais (BRUNO, 2005 apud CURY, 2005)

Finalmente, Mario Chagas afirma que existe um “olhar museológico” sobre as coisas materiais, ou seja, “[...] um atitude crítica, questionadora, capaz de um distanciamento reflexivo diante do conjunto de bens culturais e naturais (CHAGAS, 1996 apud CURY, 2005).

Para Mario Chagas:

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem constituir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais a que se convencionou chamar de museus. As coisas assim selecionadas, reunidas e expostas ao olhar (no sentido metafórico do termo) adquiriram novos significados e funções, anteriormente não previstos. Essa inflexão é uma das características marcantes do denominado processo de musealização que, grosso modo, é dispositivo de caráter seletivo e político, impregnado de subjetividades, vinculado a uma intencionalidade representacional e a um jogo de atribuições de valores socioculturais. Em outros termos: do imensurável universo do museável (tudo aquilo que é passível de ser incorporado a um museu), apenas algumas coisas, a que se atribuem qualidades distintas, serão destacadas e musealizadas. Essas qualidades distintivas podem ser identificadas como: documentalidade, testemunhalidade, autenticidade, raridade, beleza, riqueza, curiosidade, antiguidade, exotividade, excepcionalidade, banalidade, falsidade, simplicidade e outras não previstas (CHAGAS, 1996 apud CURY, 2005).

Os autores apresentados aqui, numa tentativa de “desenquadrar” o conceito de museu, usam expressões como “conjunto de manifestações simbólicas da sociedade humana”, “espaços que assumem a responsabilidade por ideias e problemas sociais”, “práticas sociais que selecionam, reúnem e expõem coisas que adquirem novos significados”.

O museu, hoje, vai além de um local físico onde acontecem atividades museológicas. O conjunto de ações de uma instituição museal inclui as pessoas que realizam suas atividades, os locais onde sua atuação é projetada e o espaço social que ocupa. Por isso, as suas atividades se tornaram mais complexas bem como sua capacidade.

Cabe a essas instituições e às pessoas envolvidas em sua contínua construção, optar entre uma museologia tradicional, com foco exclusivo nas coleções, e uma museologia mais abrangente que esteja envolvida em questões mais amplas e atuais como desenvolvimento, valorização da diversidade, sustentabilidade e inclusão social.

Reconhecer que os museus podem, como agentes da sociedade atuarem na busca de novas formas de ação é

Considerar que um grupo de pessoas (grupo de interesse, comunidade etc.) toma nas suas mãos a resolução de problemas que afectam a sua vida no quotidiano, reconhecendo-se que a sua solução passa por um conhecimento crescente dos problemas, pelo controle de todos os seus aspectos, pela capacidade de inovação, passa em suma pela participação. (MOUTINHO, 2011)

Novos paradigmas exigem o surgimento de um novo museu, preparado para novas atividades. A incorporação de saberes de diferentes áreas, acadêmicas ou não, questionam hábitos arraigados do fazer museológico.

O museu pode ser tantas coisas que parece que qualquer coisa pode ser museu. Mas não é bem assim. Existem algumas pedras fundamentais que são comuns a quase tudo que foi apresentado nesse capítulo. Um museu precisa ir além das ações de conservação, comunicação e exposição, para cumprir seu papel e funções sociais. Para isso ele precisa assumir um compromisso com as transformações sociais. A curiosa e extensa trajetória do museu, desde o *Museion* da Grécia antiga, as “coleções” do rei Nabonidus ao museu atual, reflete as exigências sobre os museus e os diferentes papéis do museu ao longo do tempo. Nessa longa jornada, desde a tarefa de coletar e posteriormente dispor, sistematizar e preservar objetos para iniciar e desenvolver estudos e pesquisas sobre as coleções de museus, muitas mudanças aconteceram. Apenas no início do século 20 a função educacional da comunicação tornou-se uma das mais importantes tarefas dos museus (SOFKA, 2009)

Atualmente, grandes museus coexistem com pequenos museus locais, para servir à sociedade. Os primeiros, estabelecendo, com seus especialistas, padrões de coleções, pesquisa e educação, e utilizando avançadas tecnologias; os últimos, fazendo o que pode ser ainda mais importante, o contato mais próximo e real com as suas comunidades (SOFKA, 2009)

Entretanto, deve-se evitar comparar grandes e pequenos museus, tendo o cuidado de analisá-los sob diferentes perspectivas.

Situar um pequeno e simples museu de uma cidade litorânea do sul do Brasil, criado e formado heterodoxamente, na visão museal internacionalmente aceita não parece tarefa fácil, mas é o que se pretende com esse trabalho.

No próximo capítulo se desenha uma imagem mais detalhada do Museu do Lixo, das pessoas envolvidas na sua criação e funcionamento e do contexto em que ele está inserido.

## 2 O MUSEU DO LIXO

Neste capítulo, a partir de uma visão mais ampla sobre o lixo, serão expostos alguns elementos essenciais para conhecer e compreender o surgimento do Museu do Lixo.

Desse modo, é importante contextualizar historicamente o problema do lixo na cidade de Florianópolis, onde se situa o museu, a empresa à qual ele se vincula, o espaço que ocupa, a voz das pessoas que o idealizaram, mantém e se relacionam com ele e, finalmente, alguns comentários que propõem reflexões a partir disso.

### 2.1 O LIXO

Lixo, ou resíduo, é qualquer material sem utilidade para quem o detém. O termo lixo aplica-se geralmente para materiais no estado sólido. No dicionário Aulete o lixo é definido como “aquilo que se joga fora após uma limpeza; tudo aquilo que perdeu o valor e pode ser jogado fora; sujeira, porcarias; o lugar onde se joga o lixo”.

Há diversos tipos de lixo: o domiciliar urbano, industrial, hospitalar, agrícola e tecnológico.

Em Florianópolis, em 1830, foi aprovada uma lei determinando que o lixo urbano fosse lançado nos rios e no mar, para evitar que os detritos se acumulassem nas ruas e terrenos baldios. Em 1877, tem início o serviço de remoção do lixo, realizado por particulares em carroções puxados a burro e despejado nas praias da Baía Norte. Em 1914 construiu-se um forno, próximo à ponte Hercílio Luz, para queimar o lixo e evitar o acúmulo nas praias. Em 1958, com o aumento da população, surgiu o lixão da cidade, no manguezal do Itacorubi, numa área de 12 hectares. A partir de 1986, Florianópolis adotou a coleta seletiva em caráter experimental e tornou-se a primeira capital do Brasil a usar o sistema porta a porta (PMF, 2015). O lixão no mangue, gerador de vários problemas ambientais, foi desativado em 1990, por pressão popular.

### 2.2 A COMCAP

A Companhia de Melhoramentos da Capital (COMCAP) foi criada em 1971 pela Lei Municipal Ordinária 1022/1971. É uma empresa de economia mista, responsável pela coleta de resíduos sólidos e pela limpeza pública, contratada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis,

sua acionista majoritária. Em seu site na internet<sup>5</sup>, ela informa que possui 1.700 empregados e coleta e destina, em média, 14,5 mil toneladas de resíduos sólidos por mês, com uma variação sazonal (12,5 mil toneladas nos meses de baixa temporada e até 18,7 mil toneladas no verão).

Desse volume, cerca de mil toneladas por mês são materiais recicláveis como papel, vidro, metal e plástico que a população separa para a coleta seletiva. Esse material é doado a associações de triadores – preferencialmente a Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR) e Associação Recicladores Esperança (Aresp) – atividade que gera renda para cerca de 100 famílias da Grande Florianópolis.

Também são recolhidas em média 2,2 mil toneladas de resíduos volumosos por mês<sup>6</sup>.

## 2.3 O ESPAÇO

A partir de 2000 foi implantado um projeto de recuperação e organização paisagística na área ocupada anteriormente pelo lixão. Hoje ali se situa o Centro de Transferência de Resíduos Sólidos (CTReS), composto por uma Estação de Transbordo da COMCAP, um centro de triagem gerenciado por uma associação de catadores, um espaço de educação ambiental e o Museu do Lixo (Figura 1).

Na estação de transbordo os caminhões de coleta domiciliar despejam o material, que é compactado e carregado em caminhões maiores, para serem conduzidos até o aterro sanitário, no município de Biguaçu. Um Centro de Triagem é um local que recebe resíduos sólidos onde é feita a separação entre os resíduos recicláveis – encaminhados para a devida reciclagem e os não recicláveis – encaminhados para um aterro sanitário.

A ideia de montar um museu surgiu há mais de dez anos, em 2003, quando a COMCAP criou o Centro de Treinamento e Educação Ambiental, num galpão de 200 metros quadrados.

De acordo com o depoimento de Valdinei Marques<sup>7</sup>, atual coordenador do Museu do Lixo havia no início uma pequena casa junto ao aterro onde eram colocados alguns objetos recolhidos e selecionados pelos garis. Depois de um certo tempo, tudo o que havia ali foi roubado ou desapareceu. Em 2003, no galpão onde hoje está instalado, teve início o mu-

---

5 Dados obtidos no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

6 Idem

7 Valdinei Marques é funcionário da COMCAP. Para mais informações ver entrevista na página 45 em 30/04/2015.

**Figura 1** – A seta indica a localização do Museu, no bairro Itacorubi



Fonte: Imagem do Google Maps, Acesso em 15/6/2015

seu a partir de um crucifixo com a iniciativa de Valdinei e de um gerente que solicitava doações de objetos aos garis, funcionários e visitantes.

## 2.4 DESCRIÇÃO DO MUSEU

Chega-se ao museu pelo mesmo portão em que entram os caminhões de lixo. Não há recepcionistas mas, na guarita do CTReS há um funcionário orientando o estacionamento. Também não há cobrança de ingresso, nem mapas. Do lado de fora do prédio a palavra “Museu” está escrita com material reciclado em forma de mosaico.

O prédio, na verdade, é um galpão, pé direito alto, com telhado de zinco. Possui pouca ventilação e iluminação.

Logo na entrada percebe-se que o local é limpo e organizado. Nada de lixo. Vê-se, imediatamente, o tamanho do museu, dividido internamente por meias-paredes, prateleiras e diversos objetos de madeira.

A ideia de que se trata de um museu diferente é reforçada pela ausência de guarda-volumes, lanchonete, lojinha, ou livraria. Do lado de fora, há um anexo, com mesas e banheiros. Não há roteiros nem sinalização.

Nas paredes há caixotes de madeira que sobem quase até o teto, como se fossem prateleiras, armários de cozinha funcionam como expositores, nichos de formatos e materiais os mais variados acomodam as coleções. É interessante notar como foi feito o aproveitamento dos expositores (móveis, armários) de acordo com o tamanho dos objetos. Por exemplo: dois módulos de armários de cozinha expõem filtros de água de cerâmica, que possuem a dimensão adequada para eles. Embaixo, num nicho menor do mesmo armário foram colocados os filtros de parede mais novos (tipo Europa).

Há uma organização: os objetos estão classificados e ordenados como nos cômodos de uma casa. O espaço foi mais ou menos dividido por temas relacionados aos conjuntos de objetos do mesmo tipo, como por exemplo, máquinas de costura, máquinas fotográficas, brinquedos, liquidificadores, ventiladores, etc. Os objetos de cozinha estão agrupados, há uma pequena sala com material de leitura, fitas cassete e sofás.

Nota-se a ausência de textos explicativos, etiquetas ou legendas. Aqui e ali há alguma coisa escrita, mas não com o propósito de identificar, são também objetos coletados.

O circuito é livre, a iluminação é natural, das janelas no alto e dos elementos vazados que ajudam na ventilação.

A exposição não tem título, o tema sugere uma coleção de objetos descartados pelos habitantes da cidade.



No entanto, depois de várias visitas ao museu, em momentos diversos a descrição anterior não é a mais acurada por que o museu se modifica quase que diariamente. As fotos que ilustram o interior do Museu do Lixo encontram-se no Anexo B.

## 2.5 DADOS SOBRE O MUSEU DO LIXO

Nome: Museu do Lixo

Endereço: Rodovia Admar Gonzaga, 72

Bairro Itacorubi – 88.034-000 Florianópolis, SC

Telefone: 48-3338 3031

Equipe do museu (em junho de 2015)<sup>8</sup>

Glória Clarice Martins – Gerente da DVCOA

Valdinei Marques – Coordenador do Museu do Lixo

Joseane Neli Alexandre

Maria de Lourdes Pra da Silva

Ricardo Conceição

Estagiários: Danilo Stank Ribeiro e Mayara de Brito Dias

Blog do museu: <http://www.museudolixocomcap.blogspot.com.br/>

**Tabela 1** – Visitantes do Museu do Lixo

Ano	Grupos de visitantes	Total
2010	242	4.806
2011	279	6.610
2012	188	4.625
2013	252	6.120
2014	289	6.255
2015 – até maio	70 grupos	1.650

Fonte: DVCOA

Consta do Guia de Museus de Santa Catarina (pág. 96, 97) e está cadastrado no Sistema Estadual de Museus cuja inscrição é voluntária e não exige documentação formal como Ato de Criação ou Plano Museológico. (Figura 2). Consta também do Cadastro Nacional de Museus organizado e publicado pelo IBRAM (Figura 3).


<sup>8</sup> Dados fornecidos pelo DVCOA/COMCAP em junho de 2015.

**Figura 2 – Guia de Museus de Santa Catarina**




(Fonte: Livro publicado pela Fundação Catarinense de Cultura.  
 Foto: Lúcia Valente)

**Figura 3** – Página do Cadastro Nacional de Museus na internet



**ibram**  
instituto brasileiro de museus

**Cadastro Nacional de Museus**  
2ª edição

BRASIL 

---

Resultados da Pesquisa

Mostrando 31-34 de 34 registro(s).

Pagina: < Anterior

**Museu do IFSC - Centro de Memória, Documentação e Cultura do IFSC**

**Situação de funcionamento:** Em implantação

**Endereço:** - , , , Coqueiros.  
Florianópolis, SC

**Cep:** 88.075-010

**Telefone:** (48) 3877-9018

**Fax:**

**Email:** sandrag@ifsc.edu.br

**Site:** http://portal.ifsc.edu.br/index.php

**Museu do Lixo (COMCAP)**

**Situação de funcionamento:** Aberto

**Endereço:** Avenida Admar Gonzaga, 72, Itacorupi.  
Florianópolis, SC

**Cep:** 88.034-000

**Telefone:** (48) 3338-3031

**Fax:**

**Email:** neiciclagem@hotmail.com

**Site:** museudolixocomcap.blogspot.com.br

**Natureza administrativa:** Outra

**Ano de criação:** 2003

**Ano de abertura:** 2003

**Tipologia do acervo:**

- História

**Dias e horários de abertura ao público:**

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
08:00 - 17:00	08:00 - 17:00	08:00 - 17:00	08:00 - 17:00	08:00 - 17:00	Não abre	Não abre

**Para visitação do público em geral é necessário agendamento?** Sim

**O ingresso ao museu é cobrado?** Não

**O museu possui infraestrutura para recebimento de turistas estrangeiros?** Não

**Instalações destinadas às pessoas com deficiência:**

- Rampa de acesso.
- Sinalização em braille.
- Textos/etiquetas em braille com informações sobre os objetos em

**O museu promove visitas guiadas?** Sim

**O museu possui biblioteca?** Sim

**A biblioteca tem acesso ao público?** Sim

**O museu possui arquivo histórico?** Não

(Fonte: <http://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>. Acesso em 01/06/2015)

## 2.6 AS PESSOAS E O MUSEU

Para contar a história de um espaço é necessário recorrer ao relato das pessoas vinculadas a esse espaço. Nesse trabalho, e mais especialmente neste capítulo, as fontes de informação serão entrevistas realizadas com Marius Bagnatti, atual presidente da COMCAP, Valdinei Marques, auxiliar operacional da COMCAP que trabalha no museu e a professora Elaine Seiffert da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, no Rio Tavares, responsável por levar alunos em visita ao museu. A partir desse momento os entrevistados serão referenciados pelo sobrenome ou cargo. As entrevistas gravadas estão em CD anexo a este trabalho.

### 2.6.1 Marius Bagnatti

A primeira conversa foi realizada na COMCAP com o presidente da empresa, Marius Bagnatti, em 29 de abril de 2015.

#### **O que é o Museu do Lixo?**

Bagnatti – “Os museus geralmente relatam a história, a paleontologia, a evolução da humanidade, artes e assim por diante. O Museu do Lixo é muito interessante porque fala do desperdício da nossa sociedade”.

#### **O Museu do Lixo é um museu?**

Bagnatti – “Ali tem uma coletânea muito interessante de peças mas não é um museu. É um amontoado de coisas. É um depósito. Tem tido uma importância muito grande como instrumento de alerta para a sociedade e como um instrumento de educação para as crianças. A gente tem aquele museu como uma possibilidade de formação de uma nova mentalidade para as novas gerações, mas eu acho que ele precisa de toda uma reformulação. Uma reformulação conceitual, estética, deve ser muito mais limpo, mais transitável, e isso precisa ser revisto.

Eu sou engenheiro civil e acho que tem que ter uma junção entre quem entende de museu e quem entende de arquitetura. O museu deveria ser chocante, inclusive, quando mostra o desperdício, a evolução, junto com a interação e a tecnologia. Acho que isso é possível fazer, já tive a oportunidade de visitar muitos museus por aí, muita coisa bonita. Acho que a gente tem que ter uma nova disposição de mostrar aquilo que está lá, mostrar as coleções, mostrar a evolução de uma outra forma”.

### Como surgiu o museu?

Bagnatti – “O museu é uma coisa que surgiu sem nenhuma orientação, uma coisa autônoma, ele foi crescendo, foi se juntando peças e daqui a pouquinho, principalmente o Nei<sup>9</sup>, descobriu que aquilo podia se transformar num museu, mas ele não tem nenhuma formação pra isso. Antigamente, todo o aterro sanitário mais antigo tinha o seu museu. Era uma casinha, mais ou menos como surgiu o nosso, e o pessoal juntava um relógio e botava na parede. O nosso acho que surgiu nos anos 1986, extra oficialmente.”

### O museu é um problema?

Bagnatti – “Eu o vejo hoje como um problema porque, para mim, ele é um depósito desestruturado, onde as crianças nem tem como circular lá dentro. Acho que tem que ter um espaço lúdico para as crianças, tem que ter

**Figura 4** – Parte do acervo de discos de vinil



(Foto: Lúcia Valente)

audio-visuais para contar a história da evolução do consumo. Tem que ter uma política de descarte, acho que 20% do que está lá basta para contar uma história dentro de um museu.”

### E os objetos do museu?

Bagnatti – “Eu nasci na primeira metade do século passado e a minha geração vivia numa sociedade cujos bens duravam mais e era mais sustentável. A máquina de costura passava de mãe para filha, o rádio que meu pai comprava durava toda a vida dele e isso começou a mudar depois da Segunda Guerra, nos anos 1950, quando a indústria começou a colocar mais atrativos naquilo que produzia. Como a indústria não podia vender só uma geladeira, ela tinha que vender a segunda e a terceira, isso foi mudando até o ponto em que

**Figura 5** – Filmadora Super 8 descartada em estado de nova



(Foto: Lúcia Valente)

hoje todos os nossos bens não são mais permanentes, foi introduzida a obsolescência programada de tudo, do carro, do refrigerador, do televisor. Cada vez que sai um modelo novo de aparelho celular nós saímos para comprar.

Por exemplo, o meu neto estuda história e ficou encantado com a seção dos LPs, (discos de vinil), achou o acervo fantástico (Figura 4).

Eu comprei uma filmadora Super 8 nos anos 1980, era uma maravilha, mas não durou meio ano veio o tal do VHS . A minha máquina, zero quilômetro está lá no museu (Figura 5).

Somos uma sociedade de alto consumo e o Museu do Lixo é isso, ele mostra a evolução. Quanta coisa que tem lá que ainda podia estar sendo utilizada e é descartada pela sociedade.”

## **2.6.2 Valdinei Marques**

Artista plástico autodidata, atualmente cursando Gestão Ambiental na Uniasselvi, 37 anos, Valdinei Marques trabalha no museu desde 2003. Atualmente é o coordenador do museu e educador ambiental. Entrevista concedida em 30 de abril de 2105.

### **Qual a ideia do Museu do Lixo?**

Marques – “A ideia é que o museu seja sustentável, que não fique dependendo de recursos, mas para ser sustentável é preciso ter espaço para guardar este material que a gente ganha. Um acervo quando se consegue, tem que ser preservado ao máximo e a história dele. A ideia do Museu do Lixo é isso, é expor aquilo que as pessoas não querem mais, que as pessoas tem como ridículo, como lixo, e que as pessoas vejam o lixo de uma outra forma. Isso aqui é uma vitrine para mostrar que o que uma pessoa está jogando fora outra pessoa precisa.”

### **Como surgiu o museu?**

Marques – “A verdadeira história do Museu do Lixo: a COMCAP fazia a triagem dos materiais e nela começaram a encontrar coisas. Havia uma casinha de madeira na qual começaram a guardar as peças para um dia criar um Museu do Lixo. Então tinha a ideia, tinha os objetos mas não tinha a organização que tem hoje. Não tinha a ideia de museu. Mas quando a COMCAP parou de fazer a triagem todos os objetos que estavam dentro dessa casinha desapareceram.

Então me pediram na COMCAP para fazer uns kits (porta canetas, porta documentos) com material reciclado porque eu tinha habilidade com

**Figura 6** – Instalação que guarda o primeiro objeto do acervo



(Foto: Lúcia Valente)



artesanato e arte. Durante esse período um gerente falou da ideia do museu e perguntou do que eu precisaria para montar o museu e eu falei que precisava de um galpão. É esse galpão onde hoje se encontra o museu e o único objeto que havia no galpão era um crucifixo que foi o primeiro objeto do museu. (Figura 6). Eu coloquei o crucifixo em cima de uma mesa e disse: dá prá gente iniciar o Museu do Lixo com esse objeto. A partir daí eu comecei a falar com os garis da coleta seletiva e da coleta convencional que traziam os objetos, com as pessoas que visitavam o museu, professores, alunos, todos traziam objetos. Eu recebia os objetos e fazia a avaliação, porque no começo nós guardávamos tudo, mas fomos vendo, ao longo do tempo, que alguns materiais traziam mais problemas como, por exemplo, bichos de pelúcia que acumulavam muita poeira. Então fomos nos “especializando” no tipo de material que poderíamos guardar.”

### **Como é o circuito da visita dos alunos?**

Marques – “Eles chegam na sala de lanche, recebem orientação, conhecem um pouco da história do lixo em Florianópolis, um pouco da COMCAP. Depois vêm na prática o que é lixo, e o Museu do Lixo complementa isso. As visitas escolares são agendadas pelo telefone que se encontra no site da empresa. Todos os dias são agendadas duas turmas (uma de manhã e uma à tarde). São tantas solicitações que as vezes ficam de 35 a 40 escolas por ano de fora. O Departamento Técnico da COMCAP (a Divisão de Conscientização Ambiental e o Museu do Lixo estão vinculados a ele) possui o registro de todos os agendamentos e do número de escolas e alunos atendidos. (Tabela 1). São atendidas todas as escolas: particulares e públicas, municipais, estaduais e federais.”

### **O que é um museu?**

Marques – “O museu<sup>10</sup>, em si, tem que ser mais interativo. Eu acho ele um pouco distante. Não tenho como fugir desse, porque a experiência que eu tenho é com esse. Um museu não pode ser estático, tem que ser dinâmico. É um espaço que cultiva e cuida da arte, que resgata e preserva a memória, que fomenta novos cidadãos, que projeta para o futuro, tenta fazer com que as pessoas entendam o passado. O museu é uma mistura do velho e do novo. Ele é mais do velho, do antigo do que do novo.”

### **Como acontecem as mudanças dentro do museu?**

Marques – “Eu mudo muito conforme o tipo de material que chega,

---

10 Aqui ele se refere aos museus em geral.

o que acontece o tempo todo. Então, se chega um novo material<sup>11</sup>, melhor do que o já existente, ele é aceito e a gente modifica. Os objetos também estão chegando o tempo todo e nós avaliamos se vamos aceitá-los. Diferente dos outros museus que têm política de acervo, a gente acabou quebrando tudo isso, a gente não tinha reserva técnica, a gente faz uma “avaliação momentânea”. E essa avaliação momentânea fez com que a gente adquirisse peças de qualidade e pudesse saber as histórias dos objetos, de onde vieram, a quem pertenceram. A história da pessoa tem que ser registrada e tem que ser valorizada. A gente tem um livro de chegada de material onde se registra essas histórias com data, por quem era usado.”

### **O museu pode mudar em alguma coisa? Em que?**

Marques – “Espaço físico, valor financeiro, que não tem nenhum porque sem dinheiro a gente tenta fazer, mas demora mais, a forma de ser olhado. Tem que mudar muita coisa, falta espaço para criar, espaço para guardar objetos que chegam, espaço para preservar, para restaurar.”

### **Alguns objetos aqui que deveriam ser descartados?**

Marques – “Depende. Depende muito. Hoje, a gente criou uma metodologia que não existe nem na forma tradicional. Não existe em nenhum lugar o sistema que o Museu do Lixo trabalha. Tem a museologia, tem um curso prá isso, agora, a museologia nunca entrou no Museu do Lixo, ela não consegue entender. Da forma que foi criado não existe, não existe uma faculdade prá isso. A necessidade fez com que a gente criasse uma metodologia diferenciada e quem está de fora não consegue enxergar isso.

Ah, tem dez televisões, tem que tirar as dez televisões, mas se a gente vai trabalhar a evolução, que o lixo vai virar uma outra forma, como é que a gente vai falar de uma coisa se a gente não consegue ver? E aqui é muito visual, as pessoas levam a memória, o que conseguem ver.

Eu acredito que se o museu se institucionalizar ele será engessado. Deve haver uma fusão do museu tradicional com o novo. Um novo estilo de museu. Ele transpassa a ideia de um museu, ele vai mais além, e ele faz sozinho o que cinco museus fazem”.

---

11 Material expositivo, suportes, não se trata de objetos do acervo.

### 2.6.3 Elaine Seiffert

A professora de ciências Elaine Seiffert, formada em biologia com pós graduação em Educação Ambiental, leva seus alunos, da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro ao Museu do Lixo todos os anos, desde 2006 (Figura 7). Entrevista em 13 de maio de 2015.

#### O Museu do Lixo é um museu?

Seiffert – “Ele é um museu por que ele conta a história através dos objetos que estão ali. Muita coisa da vida das pessoas que é jogada fora, o nosso lixo conta a história. Se a gente olhar o lixo de uma pessoa pode-se saber o que ela come, se teve uma festa na casa dela, o que se estava comemorando, se existirem fotos rasgadas se houve o fim de um relacionamento, etc. Então o nosso lixo conta a história e o museu aproveita isso para contar a história.”

**Figura 7** – Uma das ações educativas promovidas com alunos visitantes



(Foto: Elaine Seiffert)

### **Como acontece a visita ao Museu do Lixo?**

Seiffert – “Desde a antiguidade o lixo que era produzido está ali embaixo<sup>12</sup>, porque na visita há toda uma educação ambiental e o museu é a cereja do bolo. Os alunos ficam encantados, muita coisa que eles nunca viram, como uma máquina de escrever da época dos avós, um ferro de passar roupa que era com carvão em brasa e que era usado pela avó ou pela bisavó, o disco de vinil e funcionando. Eles conseguem voltar no tempo através das coisas que estão lá. O educador conta a história de Florianópolis de antigamente, a história das bruxas, mostra o piquinho, faz uma brincadeira com as crianças, mostra como eram os brinquedos há muitos anos atrás, como era na época que não havia energia elétrica e era usado um lampião (chamado pomboca) e que eles nunca viram e que usava óleo de baleia, e tudo vai remetendo para a questão ambiental. Falam dos impactos do consumo, como as pessoas jogam fora coisas boas, que estão funcionando, e questionam se essa é a atitude correta.”

### **Que outros aprendizados eles tem lá?**

Seiffert – “Também é uma aula de história, porque eles contam como as pessoas viviam, como era o fogão, como tomavam banho numa gamela, e as crianças saem com outra visão porque estão vendo os objetos que eram usados. Nessa saída de estudos os alunos levam um diário de bordo e eu vou direcionando o olhar e pergunto inclusive quais outras disciplinas poderiam usar essa visita e eles apontam a história, a matemática por exemplo. Eu falo também do custo, quanto se paga para que alguém recolha o lixo, sobre as famílias que sobrevivem do lixo, como a Associação de Catadores. Essa saída de estudos na minha disciplina é um divisor de águas.

Eu tenho um projeto chamado “Guardiões de Energia” que pela mudança de atitudes há uma diminuição na conta de luz, é um projeto de educação ambiental que visa atitudes sustentáveis. A conta de energia baixa porque mudaram as atitudes.

Quando eles voltam da visita ao museu eu faço a pergunta se tudo o que a gente joga no lixo é lixo. As crianças ficam doidas, querem trazer as coisas, a biblioteca que tem lá (Figura 8) também funciona como incentivo à leitura.”

### **O que atrai tanto na visita ao museu?**

Seiffert – “Uma coisa que me chama muita atenção, eu vou lá todo ano, esse ano como tenho três turmas faço três visitas, cada vez que a gente vai ele está diferente, ele nunca está igual e eu acho isso ótimo. Porque

---

12 No aterro sanitário do CTReS da COMCAP, sobre o qual o museu foi erigido

**Figura 8** – Uma parede da “biblioteca” de livros descartados



(Foto: Lúcia Valente)

a nossa vida é assim também vai se modificando. As crianças conseguem ver a evolução científica e tecnológica pelos objetos que estão ali, e eles não teriam oportunidade de ver se não houvesse aquele espaço. Mas não só isso também as mudanças de comportamento. Como eram antes as brincadeiras e os brinquedos, por exemplo, tinha o pião, a boneca que era feita de pano, o carrinho. E hoje, eles ficam na frente do computador, cada um no seu canto jogando. Então o Museu do Lixo vai além, não é só uma exposição que tu vai ali e olha, eles saem dali diferentes.”

### **O museu precisa mudar algumas coisa?**

Seiffert – “O museu não precisa mudar nada, eu adoro aquilo ali, ele não tem que ser aquele lugar arrumadinho, cada coisa no seu lugar, a luz certa, como os outros museus. Ele é um lugar rústico, mas é muito rico. Do jeito que ele está organizado, arrumado, usando as caixas como estantes, tem que ser assim mesmo. Ele está reutilizando e reaproveitando. Não adiantaria colocar uma peça com uma almofadinha vermelha embaixo, um espaço todo projetado, porque não é. É o rústico, é a coisa como ela é na realidade.”

### **E os objetos do museu?**

Seiffert – “Lá tem um baú lindo, que eu fico pedindo para o Nei me dar porque era da minha sogra (Figura 9). Ele é entalhado em madeira, o meu sogro levou prá lá quando ela faleceu. Ele me traz recordações por que eu sentava com ela, as coisas de costura ficavam ali, e a gente ficava bordando juntas. Ele está lá e cada vez que eu vou lá eu tiro fotos, mostro para as crianças e conto a história dele. O livro do Pequeno Príncipe em francês que está lá também era dela. Mas uma coisa que me conforta é saber que outras pessoas também vão usufruir disso.

Eu também trabalho com meus alunos sobre a obsolescência programada e a perceptiva. A visita ao Museu do Lixo rende em sala de aula quase um trimestre. Os livros que estão lá poderiam ser doados ou emprestados porque os livros são feitos para serem lidos, não adianta deixar o livro lá na estante. Depois que os alunos visitam o museu eles repensam o lixo deles.”

## **2.6.4 Comentários sobre os depoimentos**

Os três depoimentos transcritos aqui apresentam diferentes pontos de vista com relação ao Museu do Lixo. Para o presidente da COMCAP que representa a visão institucional, o museu não é um museu apenas um depósito, um amontoado de objetos que necessita de ordem e de orga-

**Figura 9** – Baú entalhado em madeira



Foto: Lúcia Valente

nização. Já na visão da professora Elaine Seiffert, aqui representando a perspectiva dos públicos o Museu do Lixo é um museu e não deve mudar. No entanto, ela considera uma das características mais interessantes do museu o fato de que a cada visita ele está diferente, nunca é o mesmo. Ela também afirma que a visita ao museu funciona, para seus alunos, como um divisor de águas, em sua disciplina de ciências. Os alunos saem dali diferentes, a visita provoca mudanças de atitudes e de comportamentos com relação à questão ambiental.

Para Valdinei Marques, atual coordenador e responsável pelo museu desde seus primeiros objetos, o Museu do Lixo vai além da ideia de museu tradicional, ele é um novo estilo de museu e consegue fazer o equivalente a cinco museus. Nesse momento ele se refere a número de visitantes e conta orgulhoso que já foi aplaudido de pé num encontro sobre museus. Seu apego ao museu e aos objetos é tão grande que quando se fala em estabelecer um limite para a entrada de objetos ele fica em dúvida. Valdinei até admite algumas mudanças no espaço físico do Museu do Lixo para que se acomode melhor seu acervo, porém, quando se fala em descarte ele é bem reticente.

O que as entrevistas mostraram foi a característica especial do museu, como se ele não pudesse ser classificado na tipologia tradicional. Essa dificuldade também evidencia um problema para projetos que tentem institucionalizar o museu sem que isso fique claro para a equipe que trabalha nele. Mesmo que os entrevistados desconheçam os fundamentos da Museologia e alguns conceitos apresentados no primeiro capítulo desse trabalho, principalmente os conceitos estabelecidos pelas instituições oficiais, percebe-se que para eles o Museu do Lixo cumpre um papel social importante, relaciona-se com a comunidade, é “um instrumento de educação para as crianças”, alerta a sociedade para o consumo e o desperdício, demonstrando como a tecnologia rapidamente evolui e torna os objetos obsoletos.

As perspectivas aqui apresentadas pelos entrevistados apresentam visões muito subjetivas e com uma carga de emoção e paixão, que, para o representante da instituição responsável (COMCAP) pode, às vezes, parecer exagerada.

Tentando caminhar objetivamente nesse trabalho, o próximo capítulo deverá fazer a problematização do que é museu e do Museu do Lixo.



### 3 O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?

Algumas questões, formuladas no primeiro capítulo deste trabalho, relacionadas a conceitos, origem e diversos pontos de vista acerca do que é museu e o Museu do Lixo foram deixadas em aberto de propósito.

No segundo capítulo o Museu do Lixo foi apresentado, a partir de seus objetos, espaço físico e das pessoas nele envolvidas.

Finalmente, neste capítulo, partindo das várias concepções de museu e da real situação do Museu do Lixo, discute-se, na tentativa de responder se ele é ou não um museu.

Para isso será usada, basicamente, a mesma estrutura do primeiro capítulo, que contempla as várias perspectivas: a origem no templo das musas, museus a partir de suas coleções, as visões institucionais e por fim os pontos de vista mais alinhados com o que se discute a respeito de museus na atualidade. Além disso, foram adicionados dois aspectos importantes, como a educação ambiental, já que ele se insere no circuito de uma visita guiada com esse objetivo e a inserção no panorama nacional de museus. Assim vai se construindo uma base para a resposta à hipótese formulada.

#### 3.1 AS MUSAS, O TEMPLO E O SAGRADO MUSEU DO LIXO

O Museu do Lixo, para mim, não é nem templo nem sagrado, mas pode ser considerado um fenômeno, livre e plural. Ele é um espaço, onde acontece o encontro dos públicos com as realidades cotidianas, . O que existe e acontece dentro dele é inusitado, diferente e original. Nesse tempo-presente e espaço-cidade – mostrando os “não-valores”, ou seja, o lixo de nossa sociedade e rompe os limites com o convencional, ironiza e critica.

Vários museus, hoje, no Brasil, utilizam diferentes linguagens como, por exemplo, o *Museu da Maré* e o *Museu de Favela – MUF*.

O Museu da Maré, localizado na entrada do complexo da Maré, zona norte da capital (Rio de Janeiro). Segundo o site Museus do Rio<sup>13</sup> é um museu “criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM (Centro de Ações Solidárias da Maré), com o objetivo de criar uma auto-representação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela e a autoestima de seus moradores. Foi inaugurado em 2006 e passou a representar um exemplo de uma nova experiência de

---

13 Descrição encontrada no site Museus do Rio

museu voltado para a inclusão cultural e social das populações marginalizadas no espaço urbano” (MUSEUS DO RIO, 2015).

O Museu de Favela-MUF (Rio de Janeiro), acordo com seu site na internet<sup>14</sup> “é uma organização não governamental privada de caráter comunitário, fundada em 2008 por lideranças culturais moradoras das favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Chamado de museu território é o primeiro museu vivo sobre memórias e patrimônio cultural de favela do mundo. O acervo são cerca de 20 mil moradores e seus modos de vida, narrativos de parte importante e desconhecida da própria história da Cidade do Rio de Janeiro”. (MUSEU DE FAVELA, 2015)

Esses museus, inseridos dentro das comunidades, foram criados para discutir questões importantes: consideram e identificam as características do lugar e as transformam em elementos determinantes para sua estruturação.

Outro exemplo são os “museus-verdes”, museus de ciências como espaços onde se cria a interface entre cultura, homem e meio ambiente. É o caso do *La Cité des Sciences et de l'Industrie*<sup>15</sup>, em Paris, com três milhões e meio de visitantes ao ano, cuja proposta é o debate entre ciência e sociedade, a partir de uma abordagem humana: discute ciência e meio ambiente, ciência e arte, ciência e inovação. O museu monta exposições sobre biodiversidade e desenvolvimento sustentável utilizando material reciclado (CAVALCANTI apud CHAGAS, 2014).

As propostas desses museus estimulam a criatividade e a inovação, atuando mesmo como agentes de comunicação, de educação e de difusão cultural. Esses espaços, como é o caso do Museu do Lixo, abrem-se para novas discussões e perspectivas. O que começou como uma pequena coleção de objetos, tomou proporções inusitadas e chama a atenção de muitos públicos pelas mais variadas razões.

Assim, pode-se dizer que não existem limites para o que pode ser um museu e que o Museu do Lixo é um museu, mesmo que seu edifício seja um galpão e seus objetos tenham sido recolhidos no lixo.

### 3.2 OS OBJETOS E AS COLEÇÕES DO MUSEU DO LIXO

Sob o ponto de vista de sua coleção ou coleções, o Museu do Lixo apresenta objetos que foram projetados, fabricados, vendidos, compra-

14 Transcrição das informações obtidas no endereço eletrônico do museu.

15 Recomenda-se a visita ao site na internet: <<http://www.cite-sciences.fr/fr/accueil/>> Acesso em 15/6/2015

dos, usados, circularam na vida social e, finalmente, foram descartados e/ou recebidos por doação. Esses objetos mudaram de “status” a partir do momento em que foram deslocados para esse novo espaço, ganhando nova classificação social e simbólica.

Os objetos que fazem parte dessa coleção, num primeiro momento, foram submetidos a um olhar especial por quem os recolheu, selecionou e guardou. Esse olhar, poderia ser tanto de colecionador como de *bricoleur*<sup>16</sup>. O colecionador, pensa no tempo como irreversível e linear, coleta e imagina resgatar os objetos de uma perda inevitável, de sua decadência ou da destruição total. O *bricoleur* se refere a alguém que trabalha a partir de um conjunto irregular (anômalo) de objetos e fragmentos acumulados sob o princípio de que “eles podem servir”. Ele parte de um universo fechado, dialoga com os objetos, relaciona-se ao museu-narrativa, conta uma história (GONÇALVES, 2007).

De certa forma, ele – o *bricoleur*, colecionador, narrador ou curador do Museu do Lixo – conta uma história através dos objetos, exhibe as provas concretas e materiais de hábitos de consumo, chama a atenção dos públicos sobre as coisas mais banais e corriqueiras do dia a dia e que transpondo uma fronteira revelam-se e nos revelam a realidade.

As interpretações e leituras dependem de cada um, mas, certamente, e de acordo com o depoimento da professora Elaine Seiffert no capítulo 2, pelo menos “seus alunos saem de lá diferentes”.

Os objetos do Museu do Lixo apresentam formas não auráticas de autenticidade, articuladas pelo princípio da reprodutibilidade, no qual eles são reproduzidos e transitórios, uma ideia que Gonçalves (2007) apresenta com base em Walter Benjamin.

Mas o valor e a contradição que se observa nesses objetos está justamente na sua reprodutibilidade: mesmo tendo sido fabricados em grande número, ali, no Museu do Lixo, às vezes sobrou somente um exemplar. Essa é quase sempre a perspectiva do guardador de objetos. Para alguns dos visitantes porém, principalmente os mais jovens, aqueles objetos estão sendo vistos pela primeira vez, e se não estivessem ali, armazenados e mantidos, muitos deles não conheceriam nem saberiam como nem para que foram usados.

Os objetos expostos são olhados pelos públicos de maneira especial por suas características de raridade, banalidade, documentalidade, teste-

---

16 Este é um conceito trazido por Claude Levi-Strauss (apud Gonçalves, 2007, p. 74) referindo-se à oposição clássica entre *bricoleur* e engenheiro com o propósito de iluminar as diferenças entre o pensamento mítico ou pensamento mágico e o pensamento científico.

munhalidade, simplicidade e outras não previstas (CHAGAS, 1996 apud CURY 2005). Todas essas características são encontradas na maioria dos objetos do Museu do Lixo e tem a intenção de representar, testemunhar e nos fazer refletir sobre hábitos de nossa sociedade, como consumo, obsolescência, descarte. Eles exemplificam os paradoxos da tecnologia: a vantagem da produção mais rápida e maior de bens resultando em produtos mais baratos e de melhor qualidade em contraponto com a desvantagem do maior volume de objetos obsoletos e descartados, substituídos por modelos mais novos e mais atuais.

“O objeto não é a verdade de absolutamente nada. Polifuncional em primeiro lugar, polissêmico em seguida, ele só adquire sentido se colocado em um contexto” (HAINARD, 1984 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

O Museu do Lixo pode ser considerado um museu a partir de suas coleções uma vez que essas coleções, enquanto signos, pertencem a sistemas de linguagens distintas como a música, a ciência, o trabalho, o lazer. Cada um desses sistemas possui especificidades, seu próprio modo de funcionamento enquanto código e cumprem funções diferentes na vida econômica e social. Essa coleção heterogênea, dentro do museu, recebe um valor duradouro em novos arranjos que podem servir para discutir conceitos de modernidade, consumo, sustentabilidade e tecnologia.

### 3.3 A VISÃO DAS INSTITUIÇÕES E O MUSEU DO LIXO

Tomando como base a Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009 que instituiu o Estatuto dos Museus e o que são considerados museus, pode-se tentar, ao dissecar a definição já apresentada no Capítulo I, página 31, observar onde o museu se adapta:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. ((INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011)

Importante também aqui é colocar o Art. 2º da Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009<sup>17</sup> da criação do IBRAM que diz:

Para os fins desta Lei, são consideradas:

I – as instituições museológicas: os centros culturais e de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer, tendo ainda as seguintes características básicas:

- a) a vocação para a comunicação, investigação, interpretação, documentação e preservação de testemunhos culturais e naturais;
- b) o trabalho permanente com o patrimônio cultural;
- c) o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social; e
- d) o compromisso com a gestão democrática e participativa;

II – bens culturais musealizados: o conjunto de testemunhos culturais e naturais que se encontram sob a proteção de instituições museológicas; e

III – atividades museológicas: os procedimentos de seleção, aquisição, documentação, preservação, conservação, restauração, investigação, comunicação, valorização, exposição, organização e gestão de bens culturais musealizados. (PORTAL PALÁCIO DO PLANALTO, 2015)

Nesse sentido, pode-se ampliar o olhar sobre esta instituição em análise, o Museu do Lixo, para além de suas atividades museológicas, observando também as outras possibilidades. As múltiplas facetas das instituições museais possuem um sentido que não pode ser dissociado de sua atuação. Suas ações têm consequências, e ao executá-las o museu assume certas responsabilidades aplicadas a sua atuação nas esferas política e social. Ao assumir essa sua característica a instituição se torna mais transparente, e favorece o diálogo com o público e a sociedade.

---

17 Versão integral da Lei 11.906 de janeiro de 2009, que criou o Instituto Brasileiro de Museus [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm). Acesso em 15/04/2015.

### 3.4 O MUSEU DO LIXO É UMA INSTITUIÇÃO?

... a instituição constitui um conjunto de estruturas criadas pelo Homem no campo museal (ver esse verbete), e organizadas com o fim de que este possa estabelecer uma relação sensível com os objetos. (DESVALLÉES, 2013)

Uma instituição pode ser uma entidade devidamente oficializada, documentada e registrada, mas também pode ser uma referência, reconhecida pela comunidade e não institucionalizada.

Os aspectos jurídicos e formais de “institucionalização” muitas vezes não refletem a vontade social (ou de segmentos da comunidade) de envolvimento e da conquista de seu respeito (NEVES apud CÂNDIDO, 2014).

O Museu do Lixo possui uma estrutura, foi criada pelo homem que a ele atribuiu o nome de “museu”, apresenta uma certa organização e propõe uma relação com os objetos. Assim, pode-se afirmar que o Museu do Lixo é uma instituição de fato (que não tem fins lucrativos), mesmo não sendo de direito.

### 3.5 O MUSEU DO LIXO CONSERVA?

A palavra preservação pode ser sinônimo de conservação. [...] Preservação são as medidas necessárias para se proteger um bem cultural do risco de perda. O termo preservação está vinculado à ideia de “ver antecipadamente” o perigo de destruição. A preservação tem também um caráter seletivo e, no caso de museus, arquivos e bibliotecas, ela é claramente um ato de vontade. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006)

Interessante aqui acompanhar o raciocínio de Marília Xavier Cury. Ela afirma que na contemporaneidade a cidadania e seu exercício são finalidades aspiradas pela disciplina museológica e pelos museus e que os profissionais de museus trabalham sob a ótica da preservação do patrimônio cultural para construção e reconstrução, individual e coletiva, de nossa memória e identidade. Mas, memória e identidade não estão prontas em algum lugar, continua Cury, elas são construídas a partir de olhares contemporâneos. Assim, afirma Cury, que a musealização está diretamente ligada à ideia de preservação, e preservação da poesia que está nas coisas, valorizadas como refe-

rências. Tanto a musealização quanto a preservação, então, são atitudes comprometidas com o *interrogar*. Esses processos, durante muito tempo estiveram a cargo de conservadores e curadores e de museus centralizadores. Hoje, ao se defender a participação da sociedade nos processos de musealização do patrimônio, também se defende a ideia de novas formas de museu. A própria musealização vem mudando, musealiza-se selecionando e retirando objetos de seu contexto, musealiza-se selecionando e destacando os objetos *in situ* (numa casa, num ambiente natural). Assim, diz ela, a musealidade é uma qualidade atribuída por critérios de um especialista e/ou pelo público que pode participar desses processos. (CURY, 2005) A ideia de acervo se amplia assim como a de patrimônio: comunitário, integral e referência patrimonial, conceitos apresentados por Cristina Bruno. (BRUNO apud CURY, 2005).

Essas noções levaram à criação de múltiplas formas de instituições: museus de cidade, de bairros, cenários do fato museológico com as múltiplas aplicações dos processos museológicos. As diferenças metodológicas só enriquecem a unidade da teoria museológica e suas diversas formas de manifestação. (CURY, 2005)

É importante aqui ressaltar a noção de “bem cultural” presente na concepção utilizada de preservação. Cabe entender que os objetos do Museu do Lixo podem ser vistos como bens culturais em sentido amplo, na medida em que são” todo testemunho do homem e seu meio, apreciado em si mesmo, sem estabelecer limitações derivadas de sua propriedade, uso, antiguidade ou valor econômico” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006).

Pode-se assim ponderar sobre a musealização que ocorre no Museu do Lixo, como parte de um processo de preservação, aplicando as medidas necessárias ou possíveis, dentro dos recursos disponíveis para proteger aqueles objetos. Houve, num certo momento, a antecipação do risco que esses objetos corriam e a vontade de assegurar sua integridade. E, observa-se que o *interrogar* é constante pela presença dos objetos e pelo olhar do público: qual o sentido desses objetos nesse contexto?

Desse modo, se considerarmos sob essa perspectiva, a forma como o Museu do Lixo preserva seus objetos, salvando-os da destruição total, abrigando-os num espaço limitado e seguro, podemos inferir que ele cumpre a função de conservação e preservação e, portanto, é um museu.

### 3.6 O MUSEU DO LIXO INVESTIGA?

No museu, a pesquisa (ou investigação) constitui o conjunto de atividades intelectuais e de trabalhos que têm como objeto a descoberta, a invenção e o progresso de conhecimentos novos ligados às coleções das quais ele se encarrega ou às suas atividades. (DESVALÉES, 2013)

A atividade de pesquisa tem como objetivo a construção do conhecimento tomando como referência o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural, ou seja, observar, analisar e interpretar a realidade em relação ao patrimônio cultural, sendo o conceito de patrimônio atualmente ampliado tendo em vista às novas categorias de museus. Nessa ampliação compreende-se a relação do homem com o meio, ou seja, a totalidade do real – material, imaterial, natural e cultural, em suas diversas dimensões, tanto de tempo como de espaço (SANTOS, 2008).

Regra geral, queremos saber que objetos coletamos e porque, em que medida estes objetos relacionam-se entre si, e mais do que isso, como se relacionam com o mundo a nossa volta – natureza e humanidade, para depois revelar o conhecimento adquirido sobre esses objetos e propagá-lo para a sociedade.

Dois textos encontrados sobre o Museu do Lixo estão no Anexo A e podem dizer muito sobre em que medida o que acontece ali instiga a investigação. O primeiro é um artigo de Maria Isabel Leite intitulado “Museu do Lixo – um não lugar museal?” publicado no blog de sua autoria chamado Repensando Museus<sup>18</sup> e que fala sobre vários aspectos do Museu do Lixo e que de certa forma responde à pergunta formulada neste trabalho. O segundo é um artigo, escrito pelo professor Julio Romero da Universidad Complutense de Madrid, “O Museu como local fronteiro para a imaginação”.

As mensagens transmitidas pela linguagem da exposição e pelas ideias e emoções presentes nas ações desenvolvidas pelo e no Museu do Lixo, permitem a construção de conhecimento observando o cotidiano e a realidade, passos fundamentais para a investigação e a pesquisa.

---

18 As duas crônicas encontram-se no site <<http://repensandomuseus.blogspot.com.br>> Acesso em: 23/5/2015



### 3.7 O MUSEU DO LIXO COMUNICA?

O diálogo é o princípio de toda comunicação. A comunicação nos museus pode acontecer de muitas formas e por muitos meios. Desde a sua denominação, o edifício onde se encontra, o marketing que utiliza, a exposição, a educação, enfim o museu pode ser apresentado como um processo de comunicação e como uma forma de linguagem significativa. Por isso é necessário entender a comunicação como um processo lógico e cognitivo, imaterial e constante, que vai além do tangível e do concreto.

Começemos pelo seu nome: Museu do Lixo pode parecer um contrasenso: como pode um lugar denominado museu conter lixo? Esse é o início de uma imagem que leva o visitante/leitor a desconstruir uma noção preconcebida de museu e de lixo. museu, no senso comum é um lugar que abriga objetos raros e exóticos, quase um templo. Lixo é tudo que não queremos, é sujeira, dejetos. A união dessas duas palavras, senão feita intencionalmente, carrega o peso de um contexto que induz a um sentido de estranhamento..

O próprio edifício arquitetônico funciona como uma forma de linguagem. O museu-edifício pode ser considerado como uma estrutura linguística, submetendo-se a suas próprias leis particulares. Tentar compreender o museu-edifício implica, portanto, realizar uma leitura dos signos que constituem sua linguagem arquitetônica. (HERNANDEZ, 1998) O galpão-museu funciona como um espaço metafórico, entendendo-se a metáfora como algo não pensado para nos afetar num sentido específico, mas que ajuda as pessoas a lidar com o que não é familiar. O edifício-galpão do Museu do Lixo, faz as pessoas olharem e se confrontarem com outros aspectos possíveis de um lugar.

O museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo e contribui para sua capacidade crítica, cognitiva e intelectual. Assim, no Museu do Lixo a comunicação ainda se dá pela ação educativa, utilizada principalmente pela educação ambiental, pela forma como os objetos foram musealizados e mudaram de categoria dentro daquele espaço e nas “performances” dos personagens-agentes que transmitem as mensagens de cuidado e respeito pela natureza.

É essencial destacar também, dentro do museu, o processo comunicativo que se estabelece como *fato museal*, ou segundo Waldisa Russio:

[...] é a relação profunda entre Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, ou o museu. (GUARNIERI apud CURY, 2005)

Essa construção contemporânea dentro da museologia permite ampliar a compreensão do que acontece entre os objetos expostos e o olhar dos públicos, capazes de observar, questionar, imaginar e compreender, cada qual dentro de suas possibilidades e bagagens culturais.

Pode-se então afirmar que a comunicação realizada pelo Museu do Lixo é efetiva, em vários níveis, e que ele é um museu.

### 3.8 O MUSEU DO LIXO INTERPRETA?

A interpretação, dentro do museu, está ligada à comunicação e à exposição. Interpretar nesse sentido seria decifrar códigos, elucidar conceitos, esclarecer dúvidas e tudo isso pressupõe a interferência de um mediador, que pode ser o curador, o museólogo ou o desenhista da exposição, responsável por fazer essa tradução. Mas isso subentende que nem todos os públicos dominam os códigos que permitem acesso intelectual e cultural aos museus e exposições e que os mediadores entre esses dois mundos sejam os guardiões do conhecimento e das técnicas (objetos, legendas, textos, técnicas de exibição).

Estariam envolvidas, também, nessas interpretações as ações de natureza política e ideológica, subjetividades, processos de seleção e escolha dos objetos e modos de exibição.

Cabe refletir a esse respeito:

[...] uma exposição, como aparato de comunicação, mediação, aprendizagem e crítica, é uma prática enunciativa, elaborada com determinados objetivos, em que se produz, transmite e ordena informações sobre determinado objeto ou segmento da realidade sociocultural, e que tem relação com um campo específico do saber, da técnica ou da arte (Gonçalves, 2008). Nesses termos, uma exposição, enquanto ela mesma um gesto de interpretação, constitui-se como um discurso autorizado ou competente, e se refere a uma dada posição sociopolítica. Daí, reportar-se não somente a aspectos acadêmicos ou técnicos, mas, igualmente, a filiações histórico-ideológicas. Destarte, o conjunto desses constituintes que configuram o aparato expositivo será reinterpretado pelos visitantes que, mediante seus próprios gestos de interpretação, se apropriam e para seus próprios fins, dos conteúdos da exposição. (CAMPOS, 2012)

Dizer que isto é o que ocorre no Museu do Lixo seria exagerado. Pelo que se conhece dos bastidores daquele Museu não existe uma equipe

técnica especializada nem um projeto expográfico fundamentado. Ali, as decisões são tomadas por um número mínimo de pessoas, utilizando os poucos recursos disponíveis. Mas, a interpretação existe, em uma certa medida e ela se reflete na escolha de determinados objetos em detrimento de outros, no destaque para alguns deles, na intenção de privilegiar este ou aquele espaço. Pode-se até ponderar que, “ainda que não haja um conceito explícito, um conceito implícito estará sempre presente como princípio organizativo.” Um exemplo disso seriam os gabinetes de curiosidades dos séculos 16 e 17 (aos quais o Museu do Lixo é comparado), sob cuja “aparente desordem e heterogeneidade” estaria presente como conceito subjacente “um modelo miniaturizado de uma totalidade cujo sentido tenha sido precisamente formulado.” (MENESES, 1992)

Há ali uma intenção de guardar tudo o que for possível, o descarte é difícil, é preciso ter “10 televisões para mostrar a evolução, como é que a gente vai entender senão consegue ver?” na fala do próprio Valdinei, coordenador do museu.

O Museu do Lixo interpreta e, sob esse ponto de vista, portanto, é um museu.

### 3.9 O MUSEU DO LIXO EXPÕE?

As exposições nos museus são a forma como se confere materialidade e visibilidade a realidades naturalmente inacessíveis. Refletir sobre as estratégias de narração utilizadas para essas interpretações e mostra das coleções é essencial.

... a exposição aparece como uma característica fundamental do museu, na medida em que este é desenvolvido como o lugar por excelência da apreensão do sensível pela apresentação dos objetos à visão (visualização), “mostração” (o ato de demonstrar como prova), e ostensão (como uma forma de sacralização de objetos por adoração). Por meio deste processo, o visitante é colocado na presença de elementos concretos que podem ser exibidos por sua própria importância (como no caso de quadros ou relíquias), ou por evocarem conceitos ou construções mentais (a transubstanciação, o exotismo). (DESVALÉES, 2013)

As exposições são pensadas para que o público as experiencie. Exposição de uma maneira didática é composta por conteúdo e forma. O

conteúdo é fornecido pela informação científica e pela maneira como se concebe a comunicação desse conteúdo. A forma se relaciona ao modo como ela será organizada pelo tema (qual enfoque será dado e como ele será desenvolvido), pela seleção dos objetos que serão expostos, pelo seu desenho (distribuição espacial e visual) junto a outras estratégias para valorizar o uso dos sentidos (CURY, 2005).

Para Cury “conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolhas, tomar decisões quanto ao *o quê* e *como*.”

Aparentemente, a expografia do Museu do Lixo é feita de uma maneira muito prática e aberta: colocar o maior número de objetos no menor espaço possível utilizando todos os materiais disponíveis como suportes, como, por exemplo, caixotes, prateleiras, armários, gavetas. Além disso, não existe uma preocupação muito grande com a integridade física dos objetos (como serão fixados nos suportes). Muitos deles estão presos por arames, empilhados. Outros estão dentro de vitrines (adaptadas) e estas estão pregadas para não serem abertas.

Os temas são dados pelo conjunto de objetos semelhantes colocados próximos uns dos outros. Os recursos disponíveis, que são escassos, permitem o uso da criatividade na utilização dos suportes (que também são objetos descartados), levando-se em conta que a expografia nesse museu tem custo zero.

Assim, é importante refletir sobre o que diz Cury:

A transformação do museu autocrático, com suas exposições de enfoque taxonômico, e o museu comunicativo teve em seu bojo uma transformação na forma de se trabalhar; na primeira situação as exposições são concebidas por uma pessoa (ou centralizada em poucas pessoas) e eram contemplativas. Essas exposições eram organizadas com base na apresentação das estruturas classificatórias das coleções. Eram exposições herméticas, pois somente pesquisadores eram capazes de perceber e compreender essas estruturas classificatórias, provocando uma atitude passiva no visitante comum. Na segunda as exposições são concebidas por equipes para serem compreendidas e provocarem uma atitude ativa no visitante. A equipe é formada para responder às indagações: como as pessoas aprendem, o *quê* e como estamos ensinando e, ainda, quais são as melhores estratégias expográficas de comunicação. Como resultado, surgiram as equipes interdisciplinares formada por pesquisadores, educadores, designers e museólogos. (CURY, 2005)

No caso do Museu do Lixo, que não possui reserva técnica, a exposição contém todos os objetos do museu. Além disso, o museu não utiliza legendas, explicações. Como são recebidas doações de objetos a todo momento (quase semanalmente) a exposição de longa duração torna-se uma exposição temporária, porque está sempre mudando. A justificativa dada pelo coordenador Valdinei Marques é de que “a substituição dos suportes antigos (às vezes contaminados por insetos ou de baixa qualidade) por novos é importante tanto visualmente quanto por uma questão prática”. Isso cria um ambiente dentro do museu de oficina constante, marcenaria, que parece não incomodar o público. Segundo o depoimento da professora Elaine Seiffert, uma das atrações do museu é justamente essa novidade constante. Sabe-se que os objetos estarão lá, mas nunca onde nem como estarão expostos.

Pode-se até questionar o conceito de expografia adotado pelo museu, mas não se pode deixar de levar em conta que o discurso que o museu faz através de seus objetos é um dos seus maiores atrativos. De toda forma, o Museu do Lixo é um museu porque expõe e comunica e cada visitante é capaz de ler a mensagem de acordo com seu olhar e sua própria experiência.

### 3.10 OS PENSADORES E TEÓRICOS E O MUSEU DO LIXO

Algumas ideias lançadas pelos autores no primeiro capítulo se destacam, nesse momento, em que se deseja encontrar o lugar o Museu do Lixo. São elas:

De instituições devotadas exclusivamente à preservação e comunicação de objetos e coleções, os museus têm assumido a responsabilidade por *ideias e problemas sociais* (BRUNO, 2005 apud CURY 2005)

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e *inspirar comportamentos*, realizar estudos e desenvolver narrativas, parecem constituir em ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas *práticas sociais* a que se convencionou chamar de museus. (CHAGAS, 1996 apud CURY 2005)

*A relação entre Homem, cultura e meio ambiente*, em cada época, em cada lugar, é o que efetivamente constitui o fundamento da ideia de museu. (SCHEINER, 2008)

As frases grifadas destacam os pontos nos quais há uma afinção entre estas ideias e a ideia que perpassa o Museu do Lixo.

A partir do pensamento de Bruno, Chagas e Scheiner podemos afirmar que o Museu do Lixo discute uma ideia e um problema social importante na atualidade e que diz respeito a todos nós. O que faremos com tudo o que não queremos mais e qual será o destino de todo esse lixo? O Museu do Lixo inspira comportamentos, instiga a reflexão, levar a mudanças de atitude com relação aos resíduos, seu reaproveitamento e novas soluções ambientais. E tudo está ligado à maneira como o homem se relaciona com o meio ambiente.

Mário Chagas trouxe uma ideia de que alguns museus, hoje, não precisam ser criados para a eternidade, podem ser espaço museais criados para uma vida temporária, com foco em determinado tema importante a ser discutido e que depois de um tempo poderão deixar de existir. Enquanto houver a necessidade de discutir esse tema e usar o museu como inspiração ele existirá.

O Museu do Lixo é um museu e está afinado aos conceitos mais atuais discutidos na museologia.

### 3.11 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O MUSEU DO LIXO

Inserido num roteiro criado por uma divisão da COMCAP, o Museu do Lixo faz parte da visita do público jovem e trazer a questão da educação ambiental é fundamental nesse contexto:

Um educação ambiental que assume seu caráter político exige a problematização da realidade, a crítica e a autocrítica permanente, a construção dialógica e democrática de alternativas, posicionamento e intervenção na esfera pública e complexo conhecimento da totalidade socioambiental (LOUREIRO, 2014, p. 56)

É importante também considerar a presença de estudantes dentro do Museu do Lixo como uma oportunidade para aprender fora dos contextos formais da escola. Assim, a fala de Appadurai:

educação fora dos contextos formais é vital para a formação do cidadão moderno. Tal educação envolve – aprendizado de valores, hábitos e habilidades do mundo contemporâneo. Esta educação se dá por meio de uma série de processos e estruturas, incluindo os da família, do local de trabalho, das redes

de amizade, das atividades de lazer e da exposição aos meios de comunicação. Os museus e o complexo expositivo em geral formam uma parte cada vez mais importante desse processo educativo não-formal. (APPADURAI, 2007)

Um museu que insere a temática ambiental em sua agenda está comprometido com seu tempo e com a vida e pode se tornar um centro irradiador de reflexões e ações de sustentabilidade e de valorização da biodiversidade. Por isso o Museu do Lixo é um museu.

### 3.12 OS MUSEUS BRASILEIROS E O MUSEU DO LIXO

Para tentar encontrar os pontos em comum entre o que é um museu e o Museu do Lixo pode-se utilizar várias abordagens. Uma delas poderia ser a comparação entre o que a maioria dos museus brasileiros e o que o Museu do Lixo tem em comum. Uma ferramenta interessante para ser usada é a publicação do IBRAM “Museus em Números” editada em 2011 e que traz o levantamento feito pelo Cadastro Nacional de Museus com informações sobre localização, acervo, acesso ao público, serviços oferecidos e caracterização física de todos os museus já mapeados pelo IBRAM em território nacional. O Museu do Lixo, é necessário esclarecer, está presente no Cadastro Nacional de Museus que é uma compilação de questionários enviados e preenchidos voluntariamente pelos responsáveis pelas instituições museais brasileiras (auto declarado). Importante também observar que os dados dessa publicação foram coletados em 2010 e de lá para cá já se passaram cinco anos, tempo suficiente para ocorrerem muitas mudanças nessa realidade.

Situar o Museu do Lixo no contexto nacional é interessante como uma forma de conhecer melhor a realidade brasileira nessa área. Nas palavras da então Ministra da Cultura, Anna de Holanda na abertura da publicação de dois volumes:

Mais do que uma compilação de dados estatísticos, procurou-se analisar os dados levantados pelo Cadastro Nacional de Museus com um olhar multidisciplinar, compreendendo as particularidades do campo museológico brasileiro.

Procuramos produzir indicadores que respaldem o planejamento, a implementação, o acompanhamento e a avaliação das políticas voltadas para museus, apontando rumos possíveis à ação dos gestores públicos e privados. Nossa expectativa é a de que os

**Tabela 2** – Enquadramento do Museu do Lixo nas estatísticas

<b>Museus brasileiros</b>	<b>Museu do Lixo</b>
67,2% são de natureza pública	X
41,1% são municipais	X
72,4 % não tem plano museológico	X
62,6% não tem regimento interno	X
79,9% não tem associação de amigos	X
277 museus possuem de 3 mil a 10 mil objetos	X
75% tem apenas um número estimado do seu acervo	X
89,9% não tem acervo tombado	X
92,9% são abertos ao público	X
79,7% não cobram ingresso	X
74,8% não tem infraestrutura para receber turistas estrangeiros	X
74,7% fazem pesquisa de público	X
22.327 visitantes (média em 2009)	5.683 (2010/14)
40,1% possuem área total de até 500m <sup>2</sup>	X
75,8% ocupam área própria	X
82,9% ocupam edificação adaptada	X
71,2% ocupam edificação não tombada	X
58,8% não possuem plano de segurança e de emergência	X
64,4% não tem equipamentos para controle de temperatura, umidade relativa do ar e luminosidade	X
82,9% possuem exposições de longa duração	X
48,1% possuem setor de ação educativa	X
96,4% realizam ações para público infante juvenil	X
80,6% fazem visitas guiadas	X
98,2 % possuem visitas com monitores guias	X
76,4% fazem agendamento para visitas com monitores	X
47,8% possuem bibliotecas	X
77,5% oferecem acesso ao público na biblioteca	X
47,7% oferecem oficinas	X
60% possuem de 1 a 10 funcionários	X
67,9% tem programa de voluntariado	X
52,8% não tem programa de capacitação de pessoal	X
77,7% não possuem orçamento próprio	X

(Fonte: Museus em Números e COMCAP)



dados e análises aqui apresentados ofereçam parâmetros orientadores para a ação dos museus do Brasil e para a investigação relacionada a este campo, além de estímulo ao envolvimento da sociedade civil, que poderá avaliar as políticas e ações voltadas aos nossos museus e propor novos rumos. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011)

Os itens apresentados pelo Museu em Números referem-se a dados institucionais, acervo, acesso do público, caracterização física dos museus, segurança e controle patrimonial, atividades, recursos humanos e orçamento.

Para melhor inserir o Museu do Lixo nessa realidade, criei uma tabela (Tabela 2) com os itens considerados mais relevantes na pesquisa e estão assinalados aqueles em que ele converge com a maioria.

É pertinente esclarecer que do total de 3.025 museus mapeados, apenas 1.500 museus responderam ao questionário de cadastramento.

Em Santa Catarina há 199 museus e 28 em Florianópolis, sendo um museu para cada 29.479 habitantes do estado.

A publicação do IBRAM que, no seu início define o que é um museu, inclui o Museu do Lixo como uma instituição museológica. O Guia de Museus de Santa Catarina da mesma forma. Portanto, constando como um museu cadastrado, mesmo não sendo formalmente constituído e encontrando-se numa situação semelhante à maioria dos museus brasileiros, pode-se dizer que o Museu do Lixo é um museu.

### 3.13 AFINAL, O MUSEU DO LIXO É UM MUSEU?

Este trabalho não tem a intenção de afirmar categoricamente uma verdade. Ele é um exercício de final de curso que pretende revisar a bibliografia trabalhada durante quase quatro anos e, lançando mão de um objeto de estudo – o Museu do Lixo – discutir até que ponto o aprendizado fornece ferramentas capazes de dar condições de caminhar em direção a uma resposta razoável.

Várias questões, trazidas e discutidas nesse trabalho e, especialmente neste último capítulo, apontam quais os pontos fortes do Museu do Lixo e quais suas deficiências. Mas, assim como a maioria dos museus brasileiros o Museu do Lixo ainda se encontra em processo. Ele precisa se definir, se auto-identificar e organizar-se melhor.

Mário Chagas usa o termo “museus em devir”, algo que ainda está se estruturando e que pode ser tornar muito interessante. Ele diz que os

museus estão em movimento e que podem ser várias coisas ao mesmo tempo – produtores, irradiadores e esimuladores do conhecimento, podem articular e conectar diferentes experiências sociais e espaço-temporais. Os museus exercem ou podem exercer papéis muito importantes na sociedade; como espaços de educação e irradiação cultural ou campos discursivos e arenas de disputa política pela ocupação da memória do futuro (CHAGAS, 2014)

Assim eu vejo o Museu do Lixo como um museu, uma instituição museológica. Um espaço que merece nosso olhar, nossa atenção e nosso estudo..

Museus podem servir de objeto de estudo e de fonte para subsidiar interpretações, como nos ensina Mario Chagas:

Quando o pesquisador se debruça sobre as instituições museais, compreendendo-as como elementos típicos das sociedades modernas, é possível identificar em suas estruturas de atuação três aspectos distintos e complementares: a) do ponto de vista museográfico a instituição museal é campo discursivo; b) do ponto de vista museológico ela é produtora de interpretação e c) do ponto de vista histórico-social ela é arena política” (CHAGAS, 2011)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho marca o final de uma etapa, um curso, muito aprendizado, uma boa dose de disciplina, várias descobertas.

Desde o momento em que decidi qual seria o tema deste trabalho, senti que estava com sorte. Sempre que eu falava dele, as pessoas ficavam curiosas, desconfiadas, atraídas. Nunca indiferentes. Os textos que fui encontrando, mesmo por acaso, me ajudavam a construir o arcabouço teórico e a descobrir novos ângulos. As pessoas que me ajudaram a desenvolvê-lo foram receptivas. E, para mim, foi um processo de crescimento, de prazer, de tomada de consciência do quanto aprendi nessa jornada.

Criar a espinha dorsal e desenvolver o caminho a ser seguido foi um processo natural e depois era só manter-me na trilha.

A que conclusões cheguei, agora que posso expressar minhas ideias?

Sim, acredito que o Museu do Lixo é um museu, uma instituição museológica. Depois de mais de cem páginas e milhares de palavras posso dizer que ele me convenceu. Por muitas razões. Principalmente pela resposta que ele tem da comunidade, pelo brilho nos olhos das pessoas que o admiram, pelo empenho e energia positiva das pessoas envolvidas no seu dia a dia, pela quantidade de crianças e jovens que o visitam e não o esquecem, pela responsabilidade social que expressa, pelos muitos objetos esquecidos que ele guarda e que nos trazem lembranças, pela mudança de atitudes que ele provoca.

Este estudo permite a compreensão de novos espaços museais, explora as fronteiras entre o tradicional e o novo, estende a percepção da função social do museu na direção de novos paradigmas. Num país onde a maioria dos museus são pequenos, carentes de recursos, desprovidos de regulamentação, o Museu do Lixo é um fenômeno com muitos pontos em comum com esses museus e com muitas lições a ensinar.

Muitas coisas ainda precisam ser feitas naquele espaço, ele precisa de “certidão de nascimento”, de documentos, de algumas conversas, precisa tornar-se “adulto”. Mas alguns pontos fundamentais ele já tem: uma equipe motivada, um discurso relevante e atual e o seu representativo número de visitas. E isso já é um grande começo. Muitos Museus ainda não conseguiram isso.

Este trabalho, que me ajudou muito, talvez possa ajudar o Museu do Lixo a crescer ainda mais e talvez ajude outras pessoas que queiram conhecer um pouco mais a respeito de museus. Acredito que, para estudar museus e falar de museologia nem sempre é necessário observar e pesquisar o espaço mais perfeito, mais bem construído, melhor planejado. Olhar para aquele

espaço diferente, heterogêneo, simples, despretensioso, pode chamar a atenção para detalhes antes não percebidos. Revisar conceitos nos ensina muito e nos faz ver como a mudança de perspectiva é positiva.

A dúvida sobre se o Museu do Lixo é ou não um museu existia no início, quando pensei no tema mas, à medida em que fui me aprofundando convenci-me que estava diante de um museu. E, a partir daí, tudo o que eu queria era encontrar os melhores argumentos para fortalecer essa ideia. E cada vez foi ficando mais fácil.

Agora respondam vocês: o Museu do Lixo é um museu?

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun; BRECKENRIDGE, Carol A. Museus são bons para pensar: o patrimônio em cena na Índia. Tradução de Claudia M. P. Storino. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3, 2007.

BRASIL. Estatuto de Museus. Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 13/4/2015.

CAMPOS, Márcio D’Olne; BORGES, Luiz Carlos. Percursos simbólicos de objetos culturais: coleta, exposição e a metáfora do balcão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, jan.-abr. 2012.

CAVALCANTI, Cecília C. B. Observações comentadas. In: CHAGAS, Mario; STUDART, Denise; STORINO, Claudia (Org). **Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial: Associação Brasileira de Museologia, 2014.

CHAGAS, Mario. **A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_; STUDART, Denise; STORINO, Claudia (Org). **Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial: Associação Brasileira de Museologia, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os Museus: A museologia e o pensamento social brasileiro**. Estudos Avançados de Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona, 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume Editora, 2005.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientações para Gestão e Planejamento de Museus**. Florianópolis: FCC, 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, (Eds). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GIRAUDY, Danièle. **O Museu e a vida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. **El museo como espacio de comunicación**. Asturias: ed. Gijón, 1998.

ICOM - Conselho Internacional de Museus, <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/> Acesso em 13/04/2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, v. 1, 2011.

LIXO. In: DICIONÁRIO eletrônico Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/lixo> . Acesso em: 14 jun. 2015.

LOUREIRO, Carlos. Educação ambiental, sociedade e gestão pública. In: CHAGAS, Mario; STUDART, Denise; STORINO, Claudia (Org). **Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial: Associação Brasileira de Museologia, 2014.

MENESES, Ulpiano T. B. A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. **Ciências em Museus**, Belém, n. 4, 1992.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. **Caderno de diretrizes museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

MOUTINHO, Mario. Museu e Sociedade. Reflexões sobre a função social do museu. In: Curso de Estudos Avançados em Museologia. Salvador: ABM, 2011.

MUSEU DE FAVELA. Disponível em: <http://www.museudefavela.org>. Acesso em: 18/6/2015

MUSEUS DO RIO. Disponível em: <http://www.museusdoriorio.com.br>. Acesso em: 18/6/2015

NASCIMENTO JUNIOR, José do. **Museus e seus desafios**. In: Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

PORTAL BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2010/01/instituto-brasileiro-de-museus-apoia-trabalho-das-instituicoes>. Acesso em 14/06/2015.

PORTAL PALÁCIO DO PLANALTO. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em 15/04/2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. COMCAP. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap>. Acesso em: 14/6/2015.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. Fundação Catarinense de Cultura. **Guia de Museus de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC, 2014.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Tereza. O museu, a palavra, o retrato, o mito. **Revista Museologia e Patrimônio**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, Rio de Janeiro, v.1, n.1, jul./dez. 2008.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. In: **Caderno de Diretrizes museológicas 2**: Mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de cultura, 2008.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. **Revista Museologia e Patrimônio**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009.



## ANEXO A

### MUSEU DO LIXO – UM NÃO LUGAR MUSEAL?

*Maria Isabel Leite*

(pedagoga, educadora e autora do blog Repensando Museus

<http://repensandomuseus.blogspot.com.br>)

Nos museus tradicionais a pessoa tem que calçar umas pantufas para andar, e eles colocam umas cordas para ninguém chegar perto das coisas – é essa a visão de museu tradicional de Valdinei Marques, artista plástico, estudante de Pedagogia, funcionário concursado da Companhia Melhoramentos da Capital (COMCAP), e responsável maior pelo Museu do Lixo, em Florianópolis, SC.

Acredito que você há de se lembrar de uma cena/introdução televisiva/cinematográfica do Super-Homem, na qual as pessoas, olhando para aquilo que voava sobre suas cabeças, exclamavam atônitas: É um pássaro? É um avião? Não! É o Super-Homem! O local por mim visitado na semana passada, em companhia do Prof. Julio Romero, da Universidad Complutense de Madrid, bem poderia ser interrogado de forma semelhante – diante daquilo que se descortina diante de nossos olhos, poderíamos exclamar: é um depósito? É um antiquário? Não! É um museu!

Se os museus fossem necessária e exclusivamente do jeito que Valdinei acredita que sejam, seu local de trabalho seria um “não-lugar” museal. O antropólogo francês Marc Augé fala dos não-lugares como aqueles pelos quais passamos e não criamos laços de pertença. Espaços de passagem, fugidios, que acolhem, mesmo que temporariamente, aquele que está “expatriado” de seu lócus; de seu lugar referencial, de existência histórica, relacional, identitária. As estações de trem, os aeroportos, as estradas... são exemplos dos não-lugares descritos por Marc Augé em seu livro Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade (Campinas/SP: Papirus, 1994). O filme O Terminal, dirigido por Steven Spielberg e estrelado por Tom Hanks e Catherine Zeta-Jones, mostra a vida de um cidadão no não-lugar: ele é impedido de entrar nos EUA, e também não consegue retornar ao seu país – por isso passa a morar no terminal aeroviário, numa fronteira, no entre territórios.

Assim, volto ao Museu do Lixo e sua configuração singular para dizer que também ele é um espaço de identidade difusa, entre territórios – entre o galpão e o depósito; entre o antiquário e o atelier; entre a arte e a educação ambiental; entre a biblioteca e a videoteca; entre a rádio comunitária e sala de estar de sua casa... e nessa diluição de fronteiras, ele é um museu!

[Desvio de rota: Bem, não bastasse, ainda “viajo na maionese” pensando também que, finalmente, o lixo (visto como resíduo, como descarte) e os materiais recicláveis e/ou reaproveitáveis, podem ser igualmente entendidos como aquilo que perdeu sua identidade/sua função primeira, e que são levados para um não-lugar (triagem), até serem realocados (reciclagem, compostagem ou descarte – ou para o museu!).]

Embora o chame de museu, Nei (como é conhecido o Valdinei) custa a creditar que o conceito atual de museu é mais amplo e diversificado, capaz de acolhê-lo; mas fica feliz de saber que seu museu-que-não-é-museu-tradicional encaixa-se na perspectiva museal contemporânea de espaço vivo, dinâmico, que salvaguarda e comunica o acervo, com grande interação junto à comunidade. Um museu que nasceu em 2003 com o objetivo de mostrar às pessoas aquilo que se joga no lixo, com a percepção de que o lixo conta histórias! A história dos nossos pais, da cidade, dos diferentes costumes que atravessam tempos & espaços...

Mas como conseguir o acervo? Era claro que havia a necessidade de envolver os funcionários da COMCAP e fazê-los perceber a importância de sua missão no museu. Até então, qualquer objeto recolhido era separado pelo tipo de material – ferro, plástico, vidro... – e classificado pela sua possibilidade de reciclagem. Então, Nei teve a ideia de fazer, no galpão destinado ao museu, um local de descanso, com TV, café, jornal e revistas, para que os funcionários se sentissem envolvidos, protagonistas do projeto – e assim criassem laços de identidade e pertencimento, justamente o que descaracteriza um não-lugar...

Se só quisesse observar esse envolvimento, já poderia afirmar que os museus, de forma geral, têm muito o que aprender com esse Museu do Lixo: com seu jeito de acolher a todos, com sua não-prepotência, com a valorização do diferente, com a comunicabilidade de seu acervo, com as tantas possibilidades de construção identitária e alteritária que ele permite, bem como a abertura que cria para reflexões sobre a vida, a contemporaneidade, o consumo etc.

Por outro lado (Ah! Sempre há outros tantos lados, não é mesmo?!), o museu em questão, certamente, também tem muito a aprender com os demais: sobretudo para assegurar a catalogação e a preservação de seu acervo. Nei é a personificação do museu – ele próprio, informal e intuitivamente, estabelece a política de acervos: o que recebe, o que doa, o que empresta, o que descarta, o que recicla... nada tem registros ou documentação, apenas algumas poucas peças são fotografadas. Como é artista plástico, tem um atelier no museu onde cria personagens (Reciclaudio, Valdirclagem, Reciclyton, entre outros),

... monta e desmonta instalações. Isso faz desse museu um espaço mutante e em permanente Metamorfe Ambulante [Você conhece essa pérola de Raul Seixas?]. Mas fica a questão: como centralizar a história e toda a dinâmica museal em uma só pessoa? Como exercer o papel de preservação / conservação sem qualquer estratégia para tal?

A dimensão comunicacional é bastante aflorada, tanto no que diz respeito às ações junto ao público (recebem cerca de 8 mil pessoas por ano, de todas as idades e nacionalidades), quanto em relação a própria forma de musealização dos objetos. Nesse sentido, são as gavetas velhas e os caixotes vazios que fazem o papel de vitrines para a maioria dos objetos.

Os critérios de agrupamento são por semelhança: grupos de máquinas de escrever; de calcular; fotográficas; latas de tinta; tampinhas; discos; CDs; celulares, efim! Todo tipo de coisa se junta como por mimetismo e, assim, vão sendo criados nichos de objetos espalhados pelo chão, parede e teto do galpão-que-é-museu. Aqui também cabe uma questão: se não tem um registro dos objetos, como depois saber sua origem, sua história? Como conhecê-los para além da aparência? Como envolver-se no diálogo com eles? O cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, como já citei em outra postagem, fala da Linguagem Pedagógica das Coisas: as coisas nos dizem algo, mas temos que criar condições para esse diálogo (com múltiplas mãos e sentidos!) se estabeleça.

Ainda na perspectiva comunicacional, a ação educativa do Museu do Lixo está voltada para a perspectiva de educação ambiental – parte do braço maior da COMCAP que envolve compostagem, qualificação profissional, reciclagem, descartes. Junto aos grupos de crianças, jovens e adultos, inclusive idosos, Nei – na pele do Rei Ciclagem

– procura estimular a constituição de “amigos da natureza”, discutir valores ecológicos, de respeito geracional, de busca de harmonia com a natureza, entre outros. Para tal, usa de recursos cênicos, inspirado no Teatro de Arena de Augusto Boal.

Como sou chegada a uma polêmica construtiva, sempre acho importante provocar a discussão: devem a arte e as questões museais estar subjugadas, isto é, ficar a serviço das questões ambientais ali priorizadas? Em outras palavras: o museu deve tornar-se figurante diante do protagonismo da educação ambiental? Será esse o melhor papel a ser desempenhado pelo Museu do Lixo? Questões... Quem sabe retomamos a Metamorfose Ambulante para nos guiar nessa discussão?

(...) Eu quero dizer

Agora o oposto do que eu disse antes

Eu prefiro ser

Essa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
 (...)Eu sou um ator  
 Eu vou desdizer  
 Aquilo tudo que eu lhe disse antes  
 Eu prefiro ser  
 Essa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo (...)

Notinha de rodapé: Amanhã/hoje (porque já estamos na quinta!) não farei postagem: tenho o texto de um congresso para terminar; um outro para avaliar. Na sexta irei visitar museus em POA, portanto, postarei só na próxima segunda-feira. Bom final de semana museal a tod@s!

### **O museu como local fronteiro para a imaginação**

*Professor Julio Romero*

Dia desses escrevi sobre o Museu do Lixo de Florianópolis. No relato, contei ter ido em companhia do Prof. Julio Romero, da Universidad Complutense de Madrid. Para minha alegria e sorte de vocês, ele me enviou um generoso comentário-texto sobre a experiência museal e autorizou-me colocá-lo aqui na íntegra para enriquecer nosso debate. Transcrevo abaixo – os grifos azuis são meus. (Comentário de Maria Isabel Leite no blog)

Se, já antes de o conhecer, me resultava atraente a ideia de visitar um Museu do Lixo, uma vez ali me sinto atraído pelo museu e seus objetos. Atraído no sentido de apetência, antecipação de desfrute, e atraído no sentido do que o museu projeta de mim para seu interior. A pergunta que me faço é onde radica [usado aqui no sentido baseado em radical, de origem] o atrativo do museu, seu poder de atração?

O atrativo do Museu do Lixo radica no resgate do esquecimento, em conter objetos salvados do lixo, em ter-se interposto entre o objeto gasto e sua destruição, ou desaparecimento definitivo, mantendo assim cada objeto em um território único: o habitado pelas coisas que escapam à morte. Cada um de seus objetos foram, sucessivamente, eliminados e resgatados, o que, sendo comuns, os faz especiais.

O atrativo do Museu do Lixo está também na contaminação. O museu é uma justaposição, sobreposição, mistura, contaminação entre toda classe de objetos diferentes ou inclusive repetidos, e todo tipo de

categorias. Esta qualidade gera um atrativo especial para o visitante: a libertação de uma ordem racional ou cultural hegemônica e, simultaneamente, a possibilidade de exploração de infinitas ordens e sistemas de classificação, a possibilidade de imaginar múltiplos museus dentro do museu, como o Museu Imaginário de André Malraux.

O atrativo do Museu do Lixo encontra-se também na surpresa, a impossibilidade de prever o percurso, de antecipar os objetos que se vão encontrar, precisamente por essa mesma sobreabundância e transbordamento, e pela classificação meio enigmática, provisória e aberta.

O atrativo do Museu do Lixo radica assim mesmo na oportunidade pressentida para o encontro. O visitante sente que está em um espaço e uma situação na qual pode experimentar, e experimenta, encontros vívidos entre sua própria memória e um objeto. A imprevisibilidade faz possível o acontecimento, o encontro fortuito e significativo, a poetização do meio, da vida cotidiana. No percurso, ocorrem encontros poéticos e estéticos onde os objetos são captados por uns sentidos especialmente atentos e onde as evocações acontecem.

O atrativo do Museu do Lixo está também na re-humanização, de um mundo contemporâneo bastante deshumanizado, mediante o reencontro estético com seus desfeitos, seu lixo. Finalmente, esses objetos procedentes de cadeias de fabricação, de vendas, de consumo, muitas vezes em escala e ritmo deshumanizados, acabam aqui, em algum raro caso, voltando ao lugar das pessoas, onde é possível a detenção, o olhar, a ressignificação, o questionamento.

O atrativo do Museu do Lixo radica igualmente em ser um lugar para a imaginação. O visitante, em seu passeio errante por entre a superabundância de objetos comuns e especiais a um tempo, descobre-se a si mesmo construindo, inadvertidamente, biografias imaginadas para os objetos vistos, baseadas em uma mistura descompensada de deduções a partir de pequenos detalhes observados, associações com outros objetos, lembranças da própria biografia, temores, desejos...

E em relação a este último ponto quero fazer memória de um dos objetos do Museu do Lixo que me chamou bem especialmente a atenção e me interessou bastante: o armário fronteiroço.

O que poderíamos chamar de armário fronteiroço é um armário duplo disposto em forma de canto. A particularidade do armário fronteiroço é sua situação de fronteira, de limite, entre dois mundos contrapostos, que parecem se ignorar mutuamente.

O armário fronteiroço contém em suas estantes, abertos à vista, diversos objetos do museu: televisores antigos, aparelhos de som antigos... Aparentemente tudo é até determinado ponto normal, previsível.

São objetos que têm um verdadeiro interesse pela variedade de modelos dentro dessa aparente categoria única: aparelhos de televisão e som de um passado recente. Estão dispostos, ademais, como em qualquer museu comum, colocados com intenção expositiva nos diferentes ocos que as prateleiras do armário proporcionam. Até aqui, trata-se de objetos recuperados e expostos em um armário expositor, que foi também recuperado do desfeito em seu dia.

Mas este armário tem outro rosto, por isso é um armário fronteiroço. Ao estar disposto em canto, os dois corpos do armário sustentam-se de maneira estável, e isso permite que estejam separados da parede. Por trás do armário há um espaço amplo para que o visitante possa encontrar-se com o outro lado. Na vida anterior deste armário, deve ter sido um elemento de separação entre dois espaços, um virado à vida social, outro ao interior, a subjetividade. E esse lado interior foi-se enchendo de rastros visuais de momentos vividos.

A parte de trás deste armário fronteiroço é um museu de imagens fotográficas muito pessoais, de alguém que não conhecemos mas podemos imaginar sem interessar pela verdade ou falsidade dessas fantasias, e que mostram dramaticamente essa dimensão de resgate do desaparecimento que têm os objetos deste museu, especialmente alguns como este, ao evidenciar as impressões de numerosas fotografias que foram alguma vez arrancadas ou quase arrancadas, tirando fora a memória, deixando só seu rastro na parede do armário. Um armário museu em si mesmo, que se situa na fronteira de dois mundos, permitindo dois percursos, dois olhares diferentes: ao passado útil que já foi, recuperado em forma estática através dos objetos em sua cara dianteira, e à biografia visual, enigmática e dinâmica de uns outros a quem não conhecemos mas resultam familiares; à parte dianteira, previsível, bem organizada, útil, partilhada, e à parte de trás, escondida, casual, meio arrancada, afetiva, privada. Podemos compreender o sentido das fotografias, e imaginar acontecimentos e percursos vitais de outros que, diferentemente dos objetos da cara anterior, não estão aqui, estão pelo mundo ou o deixaram já. Olhares ao passado, ao passado imaginado, ao presente, e a outros presentes possíveis, que também são, de alguma maneira, nossos. Aqueles das fotografias estão fora do museu, os que estão dentro somos nós, imaginando na cara de trás do armário fronteiroço. O museu como local fronteiroço para a imaginação.

## ANEXO B

## REGISTRO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DO LIXO



(Fotos: Lúcia Valente)



(Arte sobre foto de Google Maps)







(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)







(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)





(Foto: Lúcia Valente)







(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)



(Foto: Lúcia Valente)







(Foto: Lúcia Valente)

